

## ÍNDICE

Agradecimentos

Introdução

Caracterização do objecto de estudo

### COMPONENTE TEÓRICA

#### **CAPÍTULO 1. A DIMENSÃO EDUCATIVA DA CULTURA**

1.1 Cultura e Educação

1.2 Comunidade e Cultura

#### **CAPÍTULO 2. A CIDADE E AS SUAS REPRESENTAÇÕES**

2.1 Cidade e espaço público

2.2 Cidade e políticas culturais

2.2.1 A cidade de Porto

#### **CAPÍTULO 3. TECNOLOGIA: UMA FERRAMENTA?**

3.1 Tecnologia: uma nova forma de experimentar a realidade

3.2 Tecnologia, educação e cidadania

3.3 A produção artística e o ciberespaço

#### **CAPÍTULO 4. UM NOVO ESPAÇO PÚBLICO: A INTERNET**

4.1 Internet e redes sociais: o *Facebook*

4.2 *Site-specific*: uma proposta de intervenção no espaço virtual

4.3 Uma nova cidadania?

4.4 Criação na rede: realidade ou utopia?

### COMPONENTE PRÁTICA

Metodologia

Caracterização da amostra de trabalho

Interpretação dos resultados

Considerações finais

Bibliografia

Anexos

## **Agradecimentos**

Agradecemos a enorme prestação e dedicação de Carla Pacheco no apoio à interpretação dos resultados do questionário. O nosso sincero obrigado.

Agradecemos a disponibilidade e paciência da nossa orientadora, a Doutora Mónica Oliveira, ao longo do desenvolvimento, estruturação e conceptualização do trabalho. Muito obrigado.

Agradecemos também à Doutora Susana Menezes o seu interesse e incentivo para a realização deste trabalho.

## Introdução

Este projecto foi desenvolvido no âmbito da Pós-Graduação em Gestão de Actividades Artísticas, Culturais e Educativas da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Realizou-se no ano lectivo 2008/2009 sob a orientação da Doutora Mónica Oliveira.

Com este trabalho propomo-nos estudar a relação existente entre cultura, tecnologia e redes sociais. No contexto actual da democratização das novas tecnologias, fará sentido realizarmos esta observação no seio de uma comunidade virtual.

Com a crescente popularização das redes sociais na Internet, é nosso objectivo perceber qual o papel cultural que estas desempenham. Relativamente à estrutura deste trabalho ela encontra-se dividida em duas partes, uma teórica e outra prática.

Na componente teórica, incidiremos o estudo em quatro pontos, suportados em autores de referência que se dedicaram ao estudo destas temáticas:

- No primeiro, *A dimensão social da cultura*, abordaremos a importância da cultura na vida do homem, sobretudo na formação da sua identidade quer individual quer colectiva;
- No segundo, *A cidade e as suas representações*, centrar-nos-emos na observação do papel da cidade como motor cultural na contemporaneidade, lançando um breve olhar sobre a realidade específica da cidade do Porto;
- No terceiro, *Tecnologia: uma ferramenta?* o nosso foco incidirá sobre a tecnologia e como esta transforma a relação do homem com o mundo, assim como a relação entre o artista e a criação artística;
- No último, *Um novo espaço público: A internet*, estudaremos aquele que será o nosso objecto específico – A internet e as suas redes sociais, nomeadamente o *Facebook*; procurando perceber as suas possibilidades e potencialidades no universo da cultura e da cidadania.

A segunda parte do trabalho de cariz prático, seguindo uma metodologia quantitativa, fundamenta-se na construção e aplicação de um questionário que aborda

a importância da rede *Facebook* na vida pessoal, na divulgação e produção cultural e na produção de uma nova cidadania. Este questionário incidirá sobre uma amostra que não se pretende representativa mas significativa do ponto de vista qualitativo. Desta forma, o mesmo será enviado para os elementos constituintes da rede pessoal de um dos autores do trabalho, da qual fazem parte um grande número quer de criadores artísticos (dança, teatro, música e literatura) quer de instituições de cariz cultural. Seguir-se-á a interpretação dos resultados obtidos e as respectivas conclusões.

Encerraremos com as considerações finais relativas a todo o trabalho desenvolvido lançando pistas para realizações futuras.

## **Caracterização do objecto de estudo**

Tomamos como ponto de partida, ***Qual o papel cultural da rede social Facebook?*** A nossa opção de estudo recaiu na rede *Facebook* por se tratar de uma das redes sociais que maiores potencialidades tem no que concerne à partilha de informação.

Partindo da hipótese que o encontro de criadores e agentes culturais numa mesma comunidade, ainda que virtual, poderá potenciar a reflexão, partilha e criação, elaboramos um questionário dentro da rede *Facebook* de forma a verificar esta possibilidade.

## COMPONENTE TEÓRICA

### Capítulo 1

#### 1. A dimensão educativa da Cultura

##### 1.1. A Cultura e a Educação

O Homem, desde os primórdios da sua existência, tem agido sobre a Natureza, transformando-a, estabelecendo relações, procurando uma existência comunitária, criando um conjunto de comportamentos, costumes, hábitos, valores, normas e crenças. A esta sua acção chamamos de Cultura. E esta tem um carácter dialéctico, pois o Homem é tanto produtor como produto da cultura.

A cultura acompanha a vida, orienta-a, reflecte-a, mesmo quando nos revelamos contra “uma determinada cultura”, fazemo-lo a partir da nossa própria “herança cultural”. É neste sentido que Roland Barthes se refere a ela como uma fatalidade. *Partindo num certo sentido tudo é cultural, e é impossível praticar uma não-cultura. A cultura é uma fatalidade a que estamos condenados* (Barthes, 1981, p.150). Ao processo de transmissão da cultura chamamos educação. Desta forma, cultura e educação andaram sempre lado a lado. Na antiga Grécia, esta relação ganhou grande importância na construção da cidadania. A esse processo global de integração social chamaram de *Paideia*. A educação é neste sentido o próprio processo de humanização - *Para ser homem não basta nascer, é necessário também apreender. A génica predispõe-nos para sermos humanos mas só por meio da educação e da convivência social conseguimos efectivamente sê-lo* (Savater, 1997, p.33). É durante esse processo que assistimos à construção da identidade, quer individual, quer colectiva. *A identidade aparece como um estratégia usada pelos indivíduos e os grupos para a realização dos seus objectivos. A cultura transforma-se, então, em elemento produtor da identidade dos agentes sociais* (Fernandes, 1999, p.49).

Desta forma, dado o nosso carácter social, iremos ao encontro do(s) outro(s) cuja identidade é semelhante à nossa, isto é, com cujos ideais, valores ou crenças nos

identificamos. Assim se fundam as comunidades, independentemente do número ou do género dos seus membros.

Para António Pinto Ribeiro *a cultura é o eixo do entendimento do real mas também da sua transformação, não pode pois ser uma actividade lateral, nem supérflua* (2004, p.106). A história recente da humanidade tem sido rica em transformações, pois assistimos a partir das últimas décadas do século XX ao fenómeno da globalização e assim, ao derrubar de uma das mais fortes condicionantes da acção do homem – o espaço. Este acontecimento foi fruto da revolução operada nos transportes e nas vias de comunicação, a par do império de um mercado cada vez mais voraz que necessitou de se alargar à escala mundial. Um mercado transformado em poder que domina a própria política e que tenta dominar também a ciência. O consumidor é um ser dependente do mercado para manter as suas ilusões aquecidas. O consumo torna-se um escape à realidade. Uma forma de camuflar as suas angústias de ser. O consumidor vive intensamente o presente. Desligado doutro tempo que não esse, ele tenta satisfazer desesperadamente o seu vazio interior.

Este é o cenário, em que vivemos da Pós-Modernidade, onde se assiste a uma paixão descontrolada pela ciência, deixando esta de ser um fim para o bem humano e passa o ser humano a ser um mero fim para o desenvolvimento científico. Verifica-se, desta forma, uma perda da noção de humanidade. A própria filosofia procura imitar a ciência na sua tentativa de dar respostas. Jean-François Lyotard (2006), importante filósofo francês, levanta estas mesmas questões naquela que é uma das mais importantes reflexões sobre os tempos actuais, *a condição pós-moderna*.

## 1.2. Comunidade e Cultura

Para Fernandes (1999, p.64) *mais do que razão, somos humanidade; mais do que massa, somos liberdade criadora; mais do que individualismo, somos universalidade; mais do que ser social extenso, somos individualidade; mais do que atomização somos comunidade*. Esta é uma das principais características do Homem, o seu sentido de comunidade. O Homem integra-se e é integrado em grupos que

*cultivam atividades, conhecimentos e modos de saber-fazer que, ao mesmo tempo, servem a fins práticos e identificam, diferenciam e hierarquizam categorias e estratos sociais, participando da estruturação da vida em sociedade, da formação das identidades e da alimentação do sentido de pertença (Arantes, 2009, p.11). A cultura será a forma de identificação e expressão de uma comunidade. A esta, corresponderá um imaginário colectivo, um conjunto de símbolos e respectivos ritos que injecta na cultura a sua própria dinâmica. Desta forma, a cultura é algo orgânico, em permanente mutação que tanto se alimenta da memória colectiva como de visões e projecções individuais. A este respeito, Pedro Barbosa expõe sobre as teorias de Abraham Moles dizendo que este diferencia uma “cultura viva”, em perpétua evolução, da “cultura adquirida”, que é representada pela memória comum do grupo social numa dada época; mas também distingue a “cultura individual”, que é a soma da educação e da experiência de cada indivíduo no domínio do conhecimento, e a cultura colectiva”, que é pertença do grupo social e se caracteriza por uma rede de conhecimentos. Através de uma interacção permanente entre a cultura e o meio a que ela respeita, os criadores promovem a evolução gerando uma sociodinâmica da cultura (2002, p. 78-79).*

Falamos de comunidade e cultura implica falar da forma como se processa este encontro do indivíduo com os outros ou com a sociedade: a comunicação. Hoje, assistimos ainda a uma revolução nos meios de comunicação que se traduz em importantes e profundas alterações culturais, nomeadamente na alteração das coordenadas espaço-temporais que delimitam as comunidades. Desta feita, comunidade e lugar implicam-se mutuamente, sendo que o conceito deste sofre também com esta revolução em curso. Como refere Arantes: *Lugares são espaços apropriados pela ação humana. São realidades a um só tempo tangíveis e intangíveis, concretas e simbólicas, artefatos e sentidos resultantes da articulação entre sujeitos (identidades pessoais e sociais), práticas (atividades cotidianas ou rituais) e referências espaço-temporais (memória e história) (2009, p.18).*

## Capítulo 2.

### A Cidade e as suas representações

#### 2.1. Cidade e espaço público

As cidades foram o centro nevrálgico do despontar da modernidade. Foi nas cidades que o poder político e económico se estabeleceu. É também nas cidades que as dinâmicas culturais se geram. É lá que a arte e os seus criadores se encontram formando um determinado movimento. Por isso, acompanhando o desenvolvimento verificado desde os finais do século XIX, nas cidades ocidentais, a modernidade revelou-nos um conjunto de vários movimentos artísticos em tão curto espaço de tempo. Mas a forma como o cidadão se relaciona com o espaço, e como essa relação condiciona as relações inter-pessoais e sociais, tem vindo a sofrer profundas alterações. *A actual afirmação exacerbada do individualismo, com a debilitação entre a pessoa e a colectividade, é, por sua vez, contemporânea da perda da subjectividade, enquanto dimensão essencial do homem. O desaparecimento das transcendências ou de uma forma objectiva de valores deixa o sujeito num espaço vazio, onde a intersubjectividade tende a perder toda a sua significação e dimensão. É neste antagonismo criado entre o individualismo e o esvaziamento da subjectividade que radica a crise actual da relação social. Daí resulta a importância que deve ser dada à abordagem do ligame social* (Fernandes, 1999, p.31).

*Se, no dealbar da Modernidade, o flâneur retirava a máxima gratificação pessoal do anonimato conseguido na esfera pública da rua da cidade, hoje, a mais recôndita expressão da individualidade – o corpo físico dos sujeitos – é um médium da expressão e valorização pública da identidade pessoal. A “imaginação do centro”, ou seja, o desejo de inclusão e de reconhecimento públicos parecem pautar os modos de auto-definição dos sujeitos e grupos sociais* (Fortuna, 1999, p.2).

O espaço público, enquanto espaço político e lugar de comunicação onde os indivíduos dialogam, é simultaneamente o local onde os problemas sociais e humanos se revelam e ganham dimensão pública. É aqui que a imagem aparece como um dos



reflexos da sociedade, na medida em que o seu poder de persuasão estética é o resultado desta cultura de consumo. É através da imagem e da sua comunicação rápida e convincente que a vida comum e as manifestações culturais se apresentam às massas. A imagem adquire portanto, um poder político e social fortíssimo, contribuindo para que a cultura adquira grande importância na afirmação identitária das cidades. Esta afirmação identitária pode tornar-se perigosa. As imagens urbanas, reflexos da própria cultura muitas vezes acabam por resultar numa espécie de “marketing” para vender os bens ou serviços produzidos pela cidade. É perigosa esta relação e uso da cultura e da arte enquanto uso mercantil, ou seja, a arte acaba por estar ao serviço de uma cidade, acabando por tornar-se mercadoria da mesma. Estas imagens urbanas acabam por ser negociadas, tentando vender a imagem da cidade, numa construção de cidades-evento elitistas, onde as camadas sociais menos abastecidas se sentem excluídas, pois as linguagens criadas não são de fácil compreensão. Isto resulta num limite muito ténue entre a produção artística com propósitos puramente de visibilidade, na medida em que a cidade quer vender a sua imagem com a possibilidade de uma produção que tenha uma relação mais profunda com a cidade, estética e socialmente.

## 2.2. Cidade e Políticas Culturais

*Pode parecer deslocado falar de poesia, mas a vida de uma cidade tem uma poética própria, que possui o seu ritmo, o seu código metafórico, o seu imaginário... Por detrás de atraentes descrições literárias, espreita-nos uma rede de signos que não pode ser ignorada. Na imagem de uma cidade, as pedras falam porque se tornam vivas, como os homens que as escutam – jogo bipolar de signos que remetem para um significado global (França, 1997, p. 172).*

A ocupação da cidade e os seus esvaziamentos de sentidos é o que tem estruturado as reflexões e discursos sobre qualificação, intervenção e apropriação do espaço. Assim sendo, para criar um sentido de lugar na contemporaneidade, será fundamental pensar a cidade como um corpo de relações e possibilidades, onde a arte e a cultura seja o seu pólo dinamizador. Neste momento onde tanto se fala de

sustentabilidade é urgente equacionar a cultura como um dos principais meios dessa sustentabilidade no projecto *cidade*. Sob o ponto de vista sociológico, poder e a cultura são dois pilares fundamentais na organização das sociedades. Estes dois vértices, que alimentam as relações humanas, são duas das dimensões das relações sociais. Acerca da obra de José Madureira Pinto sobre estas temáticas, o *Observatório das Actividades Culturais*, refere: “*Uma das orientações mais centrais e recorrentes nos textos do autor tem a ver com a acentuação da importância a dar a vectores estruturantes, no plano cultural. Vectores quer de preservação, valorização e disponibilização do património cultural acumulado, quer de incorporação durável, junto dos diversos sectores da população, de um conjunto de disposições intelectuais e estéticas elaboradas, condição de democratização cultural e de desenvolvimento cultural sustentado*” (Costa, 1997, p.2). Neste sentido, falar de políticas culturais, implica falar da *descentralização de decisões, recursos e actividades, das articulações entre serviços públicos, autarquias, associações e sistemas de ensino, do reconhecimento e inclusão da diversidade de expressões culturais e, ainda, tanto do respeito pelas identidades culturais como da abertura à alteridade cultural* (idem,1997, p.3).

Um dos pontos-chave de uma política cultural será a eliminação das distâncias entre o processo de criação e o da recepção. Neste contexto, será fundamental a formação de públicos, quer numa perspectiva de uma educação para e pela arte, quer numa perspectiva participativa do cidadão em processos, também eles, de criação. Servem de exemplo neste caso, a criação em contexto escolar, associativo ou comunitário. Desta forma, é imprescindível uma revitalização do espaço público que possa gerar estas dinâmicas participativas.

Neste mesmo artigo são também citadas algumas ideias de Augusto Santos Silva no que concerne a políticas culturais: *Por exemplo, boa parte das actividades culturais, nas principais cidades ou espalhadas pelo país, resultam de associações de agentes de vários tipos, de entre os enumerados, constituindo uma rede, por assim dizer, de “terceiro sector”. Num país em que os principais meios de difusão cultural são mediáticos e a oferta de produtos culturais está fortemente subordinada a centros de produção e difusão hegemónicas à escala mundial, por um lado, e em que, por outro, o*

*apoio mecenático privado é diminuto, as políticas culturais, enquanto programas de partilha e iniciativa entre Estado e sociedade civil, deveriam potenciar ao máximo aquele “sector social da cultura” e a participação benévola, algo militante e de quase auto-consumo, que o dinamiza* (ibidem, 1997, p.4). É, desta forma, evidente a importância da formação de redes interactivas que estimulem e potenciem a acção cultural das sociedades.

As políticas culturais são elemento indispensável no planeamento estratégico das cidades. Uma observação atenta, por parte do poder, das diversas dinâmicas culturais é peça fundamental na gestão autárquica.

### **2.2.1. A cidade do Porto**

Quando em 2001, o Porto se tornou a capital europeia da cultura, a proposta idealizada a partir da sua própria cartografia assentou numa metáfora de *pontes*. Pontes entre as pessoas e, também, pontes entre as diferentes áreas do conhecimento. Pontes entre o presente e o passado, mas sobretudo pontes para o futuro. Esta espécie de rede, de conexão, parece-nos, hoje, um excelente ponto de partida para a criação de um espaço vivo, pleno de dinamismo, que gera *per si* um produto cultural e social. Mas analisando os resultados, ou as pontes que prometiam para o futuro, verificamos que pouco restou. Ousamos afirmar que se trataram de pontes muito frágeis. É certo que a Casa da Música, objecto emblemático desse projecto se encontra com bastante vitalidade na sua programação. A rede de metro, que de alguma forma também acabou por se tornar associada ao Porto 2001, está também fortemente implantada e veio suprir a carência de uma rede de transportes públicos eficientes na cidade e na sua área metropolitana. Mas continua a faltar uma verdadeira política que não se centre apenas em *cirurgias estéticas* de curto alcance, cuja grande visibilidade é proporcionalmente inversa à sua profundidade.

## Capítulo 3

### Tecnologia: uma ferramenta?

#### 3.1 Tecnologia: uma nova forma de experimentar a realidade

*A pele era, como superfície, o início do mundo e, simultaneamente, o limite do indivíduo. (...) Expandida e penetrada por máquinas, a pele já não é mais a superfície plana e sensível de um lugar ou uma parede intermediária. O indivíduo se encontra, agora, fora da pele; porém, isto não significa nem uma separação, nem uma ruptura, mas uma compressão da consciência. A pele já não representa clausura. (Stelarc (1994) in Estética Digital, p.101)*

A afirmação de Stelarc leva-nos ao encontro da realidade que hoje vivemos, imersos numa nova forma de viver a contemporaneidade. Os limites de experienciar a realidade são, nos dias de hoje, um desafio constante, onde o indivíduo se depara com uma nova construção do mundo e da realidade que o rodeia. Para José Gil esta nova realidade é compreendida do seguinte modo: *“Fundamentalmente, a contemporaneidade caracteriza-se pela “requisição da experiência pela tecnologia” levada a um tal extremo que é toda a experiência humana que está em vias de transformação. Os elementos essenciais dessa transformação são, evidentemente, as tecnologias da informação e da comunicação.” (in Crítica das Ligações na Era da Técnica, 2002, p.22).* A forma como a tecnologia invadiu as nossas vidas alterou não só a nossa forma de compreender o mundo, mas também o modo como hoje é entendida a cultura: *Uma nova cultura se formou assim, a “cibercultura”, que convoca a ameaça a absorver toda a experiência. Mais: reduzi-la e construir um outro mundo, de que a nossa experiência actual estará excluída.(idem, p.22).* Não podemos fugir ao facto de hoje, mais do que nunca, sermos confrontados com a tecnologia e esta, não se tornou apenas um instrumento, mas uma forma de vida, sendo parte constituinte da nossa

própria construção de ser e estar no mundo. Vivemos familiarizados com o virtual, com o ciberespaço dos computadores, com a irracionalidade “global”. Estas ligações com a tecnologia acabam por criar novas relações entre os homens.

Uma nova concepção de tempo e espaço é, não só vivida, mas praticada pela grande maioria de pessoas em todo o mundo. Na obra “Estética Digital” (2002), de Cláudia Giannetti, a autora cita Peter Weibel que, com clareza, desconstrói esta nova concepção de espaço e tempo: *Já não vivemos somente nas ruas e nas casas, mas também nos fios telefónicos, nos cabos e redes digitais. Estamos telepresentes num espaço de ausência. Aqui, onde nos encontramos, estamos ausentes, e onde não estamos, somos onipresentes. (...) O espaço imaterial da telecomunicação, o espaço virtual desmaterializado da era tecnológica, não é somente um espaço de ausência, um espaço da falta, mas é também um novo espaço de presença, da telepresença, um novo espaço situado além do visível, que sempre esteve ali, mas que nunca pôde ser visto. O tecnoespaço e o tecnotempo se situam além da experiência física; são espaços que se tornaram experimentáveis por meio das máquinas telemáticas, espaços de tempo invisíveis* (p.96). As tradicionais relações de distância, vizinhança, centro e periferia modificaram. O desenvolvimento tecnológico, principalmente com base na expansão das comunicações por satélite e através dos sistemas em rede, proporciona uma alteração quer ao nível de acesso da informação, quer ao nível da sua partilha. Uma nova forma de experienciar a realidade, onde as concepções de tempo e espaço foram alteradas, denuncia também a própria alteração da noção do homem contemporâneo. Tomás Patrocínio (2002), citando Coelho Rosa, no seu livro “Tecnologia, educação e cidadania” apresenta-nos esta constatação: *Somos, os actuais humanos, na mais rigorosa acepção da palavra, mutantes. As mutações e alterações que vivemos e sofremos na nossa auto-compreensão e no nosso relacionamento com o outro e com o mundo são mais radicais do que todas as mutações e adaptações fisiológicas que a nossa espécie sofreu ao longo de toda a sua presença no universo* (p.36). A tecnologia alterou a nossa forma de encarar a realidade, vivendo o homem como um “mutante”, relacionando-se com o mundo e com os seus semelhantes em experiências sensíveis e físicas simuladas, virtuais. Maria Teresa Cruz (2002) anuncia

uma mudança radical: *A relação entre esta tecnologia e as pessoas poderá, pois, vir a estar cada vez menos directamente articulada com os corpos e a sua geografia sensível. Neste contexto há, aliás, quem anuncie o fim do corpo, ou melhor, o fim da fisicalidade e da organicidade ou, pelo menos, a dominância radical da mente e do sistema nervoso central, mesmo no caso da produção de experiências “sensíveis”, a que poderíamos chamar então “psicadélicas”. Depois dos media e do entretenimento dos sentidos, conheceríamos então uma nova maquinação da experiência sensível, não necessitando, contudo, de respeitar as limitações da sensorialidade e da fisicalidade desse corpo, e abrindo-se por isso a um novo conjunto de experiências possíveis. De facto, a simulação de ambientes virtuais imersivos é hoje, basicamente, uma experiência de alucinação da experiência sensível (in Crítica das Ligações na Era da Técnica, 2002, p.35).* A tecnologia veio perturbar não só as relações do homem com o seu meio ambiente, mas veio pôr em causa a própria arquitectónica do corpo e da alma, operando ligações novas no interior do sujeito, naquilo que ele é enquanto carne, mas também naquilo que o homem tem de espiritual. (idem, p.36) *Ela não é mais uma simples mediação entre o homem e o seu meio ambiente, ou um instrumento que se articula com os seus gestos e o seu trabalho, mas algo que o penetra a si mesmo em profundidade, e que penetra, nomeadamente, os seus modos de pensar e de sentir. Surgem assim ligações novas e perturbadoras, entre o homem e as máquinas (que automatizam os seus comportamentos e também os seus modos de pensar), entre o homem e os objectos (que o envolvem na sedução generalizada da mercadoria e do consumo) e entre o homem e as imagens (que exercem sobre ele uma nova e constante fascinação) (idem, p.36).*

A entrada da tecnologia nas nossas vidas acelerou os processos já existentes mas, e sobretudo, alterou e introduziu inovações na maneira de experimentarmos a realidade, no uso da linguagem, assim como nas formas de ler, escrever e comunicar de maneira geral (Sacristán, 2003, p.81). Para compreendermos o uso e os limites da tecnologia será necessário pensar nas relações existentes entre a mesma e os processos de conhecimento. A tecnologia, além de ter alterado as nossas práticas

quotidianas, acabou por transformar os modos de produção intelectual, através da diluição dos limites entre compreensão e certeza.

*Percepção, memória, mimesis, história, política, identidade, experiência, cognição são hoje mediadas pela tecnologia* (Barbosa, 2005, p.111). A tecnologia é assimilada pelo indivíduo de maneira a reforçar a sua autoridade, embora possa também esconder estratégias de dominação exercidas do exterior. *Contudo, estamos elucidados das consequências menos positivas do uso destas mesmas tecnologias: “A disponibilidade da informação pode ser uma oportunidade de obter melhor conhecimento e também maior superficialidade* (Sacristán, 2003, p.84). Não devemos cair no encantamento ingénuo de darmos por adquirido que o progresso tecnológico trará facilitismos no modo como processamos o conhecimento, nem que este trará uma dimensão social e humana. José Gimeno Sacristán, compartilhando a concepção de Wolton (2000) alerta-nos para este perigo: *(...) para além do deslumbramento pela tecnologia, devemos pensar qual o projecto de sujeito, de cultura e de sociedade que servirá como contexto normativo para a sua utilização, isto se formos partidários de uma absoluta desregulação a favor do mercado tecnológico. Temo de reconhecer as possibilidades que se abrem se for o sujeito a controlar o seu acesso e se este for um receptor crítico* (in Educar e Conviver na Cultura Global, p.84).

Será apenas a consciência crítica a nossa salvação. Dispondo de ferramentas que nos permitam seleccionar, questionar e fundamentar as nossas escolhas, seremos capazes de produzir conhecimento com a tecnologia de formas jamais pensadas possíveis e incrivelmente novas e criativas. Temos hoje, mais do que nunca, um vasto conjunto de ferramentas tecnológicas que nos permitem reinventar formas de expressão, de conhecimento e comunicação.

### **3.2 Tecnologia, educação e cidadania**

Todas as revoluções tecnológicas acabaram por transformar, a médio e a longo prazo, a relação que estabelecemos com o mundo. Estas revoluções modificaram a

vida quotidiana dos humanos, mas também acabaram por alterar os próprios humanos na sua auto-compreensão, assim como a sua realização como espécie.

Vivemos hoje imersos na globalização, condição à qual não podemos fugir, nem negar. A tecnologia é vivida e experienciada não apenas nos chamados países do primeiro mundo, mas repercutida por todo o mundo. A globalização, não pondo aqui em causa ou discussão as suas consequências menos positivas, alterou o posicionamento perante a nossa cultura de pertença. A tecnologia, como não poderia deixar de ser, acabou por se difundir com o advento da globalização, estabelecendo novas formas de comunicação entre as diferentes civilizações. O avanço tecnológico, acelerou os processos de troca de ideias, informação e cultura, repercutindo-se no modo como a própria educação é administrada. *“Globalização” é justamente isso. Significa a mudança vertiginosa da própria “condição humana” e implica, por conseguinte, uma revisão dos modos e fins dessa construção do ser humano a que a história chamou “educação”*(Patrocínio, 2002, p.14,15). Somos hoje, partículas moldadas e limadas pelo contacto cada vez mais próximo com diferentes culturas, influenciados pela vertiginosa recepção de informação vinda de todas as partes do mundo. É indiscutível a presença e implicação da tecnologia na vivência quotidiana de todos os indivíduos, acabando esta por alterar a forma como os seres humanos encaram o seu papel de cidadãos. *A tecnologia e a cidadania já não são, nem podem ser, o que eram, por muito que nos obstinemos a pensar e a querer o contrário. A contemporaneidade é a de uma civilização que, na sua própria configuração essencial, se tornou tecnológica e que, por isso mesmo, se superiorizou a si mesma e não apenas às outras todas* (Patrocínio, 2002, p.14,15).

A Internet, sendo uma das ferramentas mais poderosas da tecnologia, alterou os processos de participação activa dos cidadãos, vindo a promover um vasto “espaço” de discussão pública, onde cada utilizador tem oportunidade de exprimir aquilo que pensa, reflecte e questiona sem, à partida, ser impedido ou castigado por o fazer. *No âmbito da comunicação social a Internet, à medida que se expande nas empresas, em casa das pessoas, nas escolas e na sociedade em geral, tem sido um suporte de desenvolvimento e facilitação da participação dos cidadãos em fóruns e debates de*



*opinião sobre os mais diversos temas, permitindo uma ampliação dessa participação, o que prova de algum modo que a Internet pode constituir-se também como um importante meio de promoção de uma conduta mais activa do cidadão* (Patrocínio, 2002, p.36). Estas novas ligações ocorridas com a chegada da Internet e das redes sociais, onde a participação dos cidadãos e da própria cidadania continuam a alterar-se, provocaram mudanças no modo com as pessoas encaram o facto de estarem activos, de participarem e terem sentido de pertença na vida social. *Não será por acaso que há uma euforia em torno de termos como “on-line”, “conectividade”, “conexão”, estar “on-line” ou “ligado”, mas também em torno da “interactividade”, das “comunidades” virtuais, etc. (...) uma tendência geral para uma compulsão de “ligação”, que parece afectar tudo e todos. Não estar ligado, ser desligado, eis a suprema ameaça* (Miranda/Cruz, 2002, p.14). Uma nova forma de participação cidadã é possível, ainda que digital, através da Internet, no entanto, esta requer ser alimentada pela educação. A intervenção na vida social, deixa agora de ficar reduzida a meros procedimentos de participação formal, sendo possíveis novas abordagens e meios de divulgação da opinião pública.

Estamos elucidados destas constatações embora seja necessário termos em conta os processos de uso destes meios telemáticos: *Será que esses novos meios determinarão o pensamento e as formas de educação, ou será que poderemos, através da educação e das políticas pertinentes, submetê-los ao nosso domínio?* (Sacristán, 2003, p.84). Esta é uma das questões que debatemos pelo facto de termos usado como ferramenta o *Facebook*: servimo-nos deste meio para agilizar o que pretendíamos - sem custos, com fácil e rápido acesso (“amigo do amigo, do amigo”) e usando-a na realização de um questionário. O exemplo do *Facebook* exemplifica esta reorganização do tempo e do espaço, ultrapassando as fronteiras de cada sujeito e colectivo com a experiência de outros que estão longe, numa nova forma de cidadania participativa, numa nova relação educativa. Os utilizadores seleccionados do *Facebook*, o meio de divulgação do nosso questionário, participaram e responderam ao nosso pedido. *Com efeito, a vivência da cidadania digital pode contribuir largamente para a proximidade das pessoas e para a sua compreensão mútua e*

*reconhecimento, se obviamente se fundar em novas categorias de compreensão, aceitação e reconhecimento do outro. Esta visão vai, assim, muito além das que reduzem a cidadania digital a aspectos cívicos de relacionamento na rede, a chamada netiquette, ou seja, o conjunto de indispensáveis normativos de conduta cívica, de boa educação, na rede (Patrocínio, 2002, p.84).*

Voltando a referir aspectos ligados à forma como a tecnologia se relaciona com o papel activo da participação dos cidadãos, assim como à educação, não queremos deixar de referir o facto da Internet poder ter também o seu lado perigoso e até perverso. Tomás Patrocínio, citando José Magalhães (1996) fala-nos do perigo que a Internet poderá vir a acarretar, onde esta *“prenuncia sociedades em que seremos cada vez mais teletrabalhadores, teleestudantes, teleconsumidores, telecompradores, teledoentes, teleapaixonados (in Tecnologia, educação e cidadania, 2002, p.19).* Este pensamento acaba por incidir nos aspectos perigosos da administração do uso da tecnologia, como fonte e ponto de partida para a manipulação das massas, para uma sociedade que proporciona a telemanipulação. *Sabemos que o modelo de telecomunicação aberto e ramificado da rede pode chegar a desestabilizar a estrutura hierárquica ou piramidal de nossa sociedade e a colocar em questão o elitismo da cultura, na medida em que se constitui como um (ciber)espaço no qual os participantes desfrutam, a princípio, do mesmo status (mesmo que sejamos conscientes do paradoxo que isso implica, uma vez que o acesso à rede é, ainda, um privilégio de minorias). Mesmo assim, podemos dizer que os usuários assumem uma dupla função: são espectadores e, ao mesmo tempo, participantes e atores. Desempenham um duplo papel como observadores do espetáculo que acontece e consumidores da informação que circula, além de integrantes desse espetáculo e parte da informação. São usuários e, simultaneamente, criadores da rede (Patrocínio, 2002, p.93).* Embora surjam novas formas de participação, interacção e criação através da rede, a realidade é que estas são governadas e controladas pelos elementos que detêm maior capital económico. José Magalhães, novamente citado por Patrocínio, alerta-nos para estas questões: *Adivinha-se também que não deixaremos de ser também cada vez mais televigiados e*

*teleinfluenciados. No entanto, a nossa carta constitucional da telecidadania está ainda por escrever e a teledemocracia europeia tarada a nascer (idem, p.19).*

Tecnologia, educação e cidadania deveriam ser entendidas como formas de produção cultural, na medida em que a formação dos cidadãos fosse encarada como um processo através do qual vivenciaríamos e experimentaríamos as relações que temos com o outro e com o mundo.

*Os processos de mudança e transformação social nos quais se insere o quotidiano das sociedades contemporâneas constituem o marco de referência em que se encontram imersas as políticas sociais. A sua incapacidade para dar resposta a determinadas realidades de assinalada conflitualidade (exclusão social, crescente pobreza, desemprego estrutural, envelhecimento da população, etc.), junto com as dificuldades financeiras que interditam a viabilidade económica das cidades políticas, não questionam contudo a necessidade e o direito das pessoas acederem a um mínimo de serviços que garantam o seu desenvolvimento humano e social; pelo contrário, requerem a implementação de alternativas criativas e inovadoras de acção social (Villar, 2007, p. 13).* Ainda que o processo de democratização do uso das novas tecnologias esteja numa fase inicial, pois este deve ser acompanhado de uma educação para a descodificação e interpretação da sua linguagem e conteúdos, o alcance das mesmas estende-se a toda a sociedade. Como exemplo da participação activa deste novo cidadão global, isto é, do internauta, importa referir o relevo que, desde os primórdios da Web, o espaço dos fóruns de discussão obtiveram. O fórum foi o para os romanos o centro das suas cidades, onde se concentrava o poder político, religioso, económico e social, aquilo que os gregos chamaram de ágora, o espaço público por excelência.

### **3.3 A produção artística e o ciberespaço**

A tecnologia não passou despercebida e muito menos se apresentou neutra na produção cultural e na forma como os artistas a encararam. De forma sucinta

abordaremos algumas questões que sempre estiveram presentes nesta relação entre tecnologia e produção artística, pois uma das ideias base deste trabalho é precisamente verificar se o *Facebook* poderá ser, além de um espaço de reflexão e partilha, um espaço de criação.

Desde suas origens, arte e técnica tiveram transformações que sucederam no decurso do uso e significação dos seus termos até aos dias de hoje.

Foi a partir do século XIX que a polémica entre arte e tecnologia começou a polarizar-se, principalmente com o aparecimento e uso de máquinas, como as da fotografia e da cinematografia. A aceitação da imagem técnica não foi de todo unânime: *Nos anos 1930, Walter Benjamin continuava considerando a imagem fotográfica o motivo da crise da pintura* (Giannetti, 2002, p.20) : *No momento em que Daguerre conseguiu fixar as imagens da câmara escura, os técnicos substituíram os pintores* (Benjamin (1989), in *Estética Digital*, p.19,20) No entanto, os artistas pertencentes às correntes vanguardistas do Futurismo, Suprematismo, Dadaísmo e a Bauhaus apoiavam a interdisciplinariedade e a assimilação das novas técnicas, defendendo que as mesmas deveriam ser inseridas no mundo da arte e da cultura. “No “Manifesto Técnico da Pintura Futurista”, de 1910, está implícita a referência à cronofotografia: *Um cavalo correndo não tem quatro patas, mas 20, e seus movimentos são triangulares*. Em 1923, Kasimir Malevich estima que *na arte, na ciência e na técnica mudaram a forma de representação. A realidade muda com o movimento e deixa novos rastros. A nova arte conseguiu novas percepções da mesma aparência através do fenómeno do movimento e se transformou, assim, em uma nova arte* (in *Estética Digital*, 2002, p.20).

As mudanças ocorridas na técnica desde sempre tiveram consequências relevantes na linguagem artística, influenciando e alterando-a. *Desde o emprego da camera obscura no Renascimento, que possibilitou um novo enfoque óptico da realidade, até a utilização do computador, que transforma de maneira radical o próprio fazer artístico, as tecnologias progressivamente assimiladas pela arte incidem não somente na linguagem, mas na própria aparência estética das obras. No século XX, a aceitação desse processo conduz, sobretudo a partir dos anos 1950, às pesquisas*

*realizadas por artistas ou por grupos de artistas no que concerne à utilização das chamadas novas tecnologias, gerando, assim, o aparecimento da arte eletrônica ou media art* (Giannetti, 2002, p.20,21). Cláudia Giannetti demonstra-nos como a tecnologia esteve sempre aliada, e fortemente enraizada, na forma como a arte, e sua produção artística, foi percebida e representada.

A tecnologia e o aparecimento de todo um conjunto de meios electrónicos e digitais, assim como a produção realizada em conjunto e em rede, não é de todo nova.

Hoje falamos em “novas tecnologias” e em novos processos de produção artística, no entanto, parece-nos que o desconhecimento de muitas criações aliadas à tecnologia, passaram despercebidas, levando-nos a achar que as produções contemporâneas, e especificamente as produções artísticas feitas em rede, são novas e inovadoras. Esquecemo-nos, ainda, que sempre em toda a história existiram progressos científicos e tecnológicos que influenciaram e alteraram os próprios modos de produção artística. Hoje, muitas são ainda as pessoas que, ou por desconhecerem, ou por não acreditarem, acham de todo impossível a criação em rede. Citaremos alguns exemplos recolhidos das respostas ao questionário que lançámos quando colocámos a questão da possibilidade do *Facebook* ser um espaço de criação cultural: “Penso que não chega a tanto”; “de divulgação talvez, de criação não”; “Discordo. Parece-me ser unicamente de divulgação”; “Não, acredito que pode ser um lugar de partilha, mas não de criação”; “até um certo ponto, mas bastante superficial”. Muitas foram também as pessoas que estavam elucidadas acerca de produções já realizadas em rede, acreditando que este conceito de rede social é capaz de ser um espaço de criação cultural: *“A ligação da cultura com este conceito de rede social é cada vez maior e a criação nessa área tem tido já algum desenvolvimento a nível virtual.”; “Sim, já funciona como tal. Vários criadores expõem o seu trabalho no Facebook. É uma opção artística e funciona como uma ferramenta disponível. O artista inserido na aldeia global virtual tem o seu espaço/negócio e vende-se como se quer vender. A criação de plataformas virtuais individuais ou colectivas, onde existe uma partilha do trabalho artístico, criando pontes para outros projectos, pessoas, torna-se importante para criar sinergias e cumplicidades artísticas. Blogs, fotoblogs, páginas web, sites, etc.*

*As fronteiras diluem-se. Por exemplo, um videasta português tem a possibilidade de construir virtualmente um objecto artístico com uma actriz no Japão. E terá fortes probabilidades de ter o seu público virtual garantido”.*

Esta ideia de produção e criação em rede através da tecnologia remonta-nos para os anos 60 e 70, quando a forma escolhida para a realização de projectos de arte por satélite foram feitos através da televisão. Nam June Paik em 1961, com os seus projectos de *Satellite Art*, anunciava já a possibilidade de produção e criação artísticas através da telecomunicação, assim como posteriormente a produção artística interactiva no ciberespaço. Paik com a sua obstinação em estabelecer uma metacomunicação, no seu trabalho “To it Yourself”, partitura escrita pelo mesmo em 1961, indica para o intérprete: *Toque em São Francisco a mão esquerda da Fuga nº1 (em dó maior) do Wohltemperiertes 1 (J.S.Bach). Toque em Shangai a mão direita da Fuga nº1 (em dó maior) do Wohltemperiertes 1 (J.S.Bach). Comece exactamente às 12 horas do dia 3 de Março (Greenwich MEZ) com o metrónomo no tempo do compasso ♩=80. Ambas as partes podem ser transmitidas simultaneamente pelo oceano chamado Pacífico (in Estética Digital, 2002, p.87).* A sua ideia fixa de realizar uma obra que fosse executada simultaneamente em distintos continentes perseguiu este artista durante 15 anos, até que conseguiu consumá-la na inauguração da Documenta 6 de Kassel, em 1977, com uma transmissão via satélite de performances realizadas ao vivo na Europa e nos Estados Unidos: *Nine Minutes Live*. (Gianetti, 2002, p.87). Porém, foi com o projecto *Good Morning Mr.Orwell* (1984), organizado entre o Centro Pompidou, de Paris, e a cadeia WNET-TV, de Nova York, que Paik conseguiu uma transmissão via satélite que, além de simultânea, era participativa. Segundo Paik, o evento foi o *primeiro uso global interactivo de satélite entre artistas internacionais* (idem, p.87). Cerca de 50 artistas de todo o mundo reuniram-se no mesmo espaço televisivo ao mesmo tempo, e actuaram ao vivo, e inclusive, simultaneamente: Joseph Beuys, Robert Combas, Yves Montand, Ben Vautier, Laurie Anderson, John Cage, Mercê Cunningham, Allen Ginsberg, Maurício Kagel, Charlotte moorman, Philip Glass e outros (ver imagens em anexo). A arte por satélite deveria transformar-se, segundo Paik, na

*obra não-material mais importante da sociedade pós-industrial* (idem, p.88). (ver anexo A, imagem 1)

Em 1977, um grupo constituído por Willoughby Sharp, Liza Bear, Sharon Grace y Carl Loeffler foi também um exemplo interessante de produção artística realizada por satélite. As suas teleacções emitidas pela MCTV conectaram ao vivo, vários artistas situados em locais distantes, desde Nova York a São Francisco. Nesse mesmo ano, Kit Galloway e Sherrie Rabinowitz apresentaram, em colaboração com a Nasa, a primeira performance interactiva entre grupos de bailarinos localizados na costa do Atlântico e do Pacífico dos Estados Unidos, criando um espaço de actuação virtual.

Organizado por Roy Ascott em 1980, *Terminal Consciousness*, foi o primeiro projecto artístico internacional de teleconferência feita por computador que, por meio da rede *Planet de Infomedia*, conectou Ascott, na Inglaterra, com Keith Arnatt (Gales), Eleanor Davis (La Jolla, Califórnia), Don Burgy (East Minton, Massachussets) entre outros artistas. *Estes trabalhos pioneiros, baseados na transmissão via satélite e em rede, viabilizaram a incipiente arte da telecomunicação, preparando, assim, o campo para o futuro aparecimento da arte telemática, vinculada à implementação da Internet como rede de comunicação pública e de acesso mundial livre* (Giannetti, 2002, p.89).

Depois do abandono dos espaços convencionais das galerias ou museus e a ocupação dos espaços públicos, as ruas, as cidades, a paisagem etc. (*land art, performance, happening...*) é, sem dúvida, com o emprego dos sistemas de telecomunicações, que a dilatação espaço-temporal e material assume os sentidos mais amplos de ubiquidade, no sentido da possibilidade de estar em todas as partes em qualquer tempo ou simultaneamente, de desmaterialização, na independência da existência física e material do objecto e de participação com a utilização dos recursos interactivos que permite a rede.

*É necessário destacar uma questão central, na qual vários artistas e teóricos (tais como Gene Youngblood ou Vilém Flusser) insistem: transformar os meios de comunicação discursivos em meios participativos significa, realmente, uma revolução. A tecnologia necessária para potencializar essa revolução já existe- e a World Wide Web é uma prova dela; porém, a questão é que uma revolução das comunicações não*

*depende unicamente da tecnologia, mas, principalmente, da potencialização da comunicação interpessoal. Não depende exclusivamente do fluxo ou da massa de informação que possa circular, mas da ampla e irrestrita aceitação da sociedade a esses meios, de seu uso como forma de intercâmbio real, e não somente como mais um veículo da era da informação (Giannetti, 2002, p.89).*

As alterações ocorridas através da tecnologia e dos processos de produção artística vieram também alterar a concepção do corpo, enquanto elemento central de compreensão da realidade, afastando-se assim, da sua representação histórica. O corpo na rede passa a ser sinónimo de ausência do ponto de vista físico mas, numa perspectiva simbólica e do imaginário este corpo é “presente”. A arte da telepresença, caracterizando-se por uma dupla presença, física e imaterial, investiga possibilidades através de meios telemáticos e com as tecnologias da telerrobótica na criação de formas de coexistência em espaços virtuais e reais: *Ravi Avis (1996) é o nome de uma obra de telepresença de Eduardo Kac, que conjuga a instalação física com a conexão telemática pela Internet, o que significa dois tipos de participação: local, por meio do uso de capacete de realidade virtual, e à distância, através da rede. No contexto local há um enorme viveiro com cerca de 30 pássaros reais e um telerrobô em forma de arara, no qual estão instalados, no lugar dos olhos do pássaro, duas câmaras CCD (Charge-Coupled Device). Um capacete de realidade virtual, situado diante do viveiro, permite ao espectador perceber o entorno do ponto de vista da arara; portanto, a pessoa é transportada ao interior do viveiro e observa a si própria da perspectiva do telerrobô. Além disso, há um paralelismo entre os movimentos de cabeça do espectador com o capacete e os da cabeça da arara.*

*A instalação está permanentemente conetada à Internet e permite que participantes remotos também observem o espaço da galeria do ponto de vista do telerrobô. Assim, o corpo do pássaro artificial é compartilhado, em tempo real, por participantes locais e participantes à distância, de qualquer parte do mundo, pela Internet ( Giannetti, 2002, p.97). Claudia Giannetti deixa-nos o testemunho do artista: Ao permitir ao participante local estar indirectamente dentro e fisicamente fora do viveiro, esta instalação criou uma metáfora que revela como a nova tecnologia da comunicação permite romper as*



*fronteiras ao mesmo tempo em que as reafirma. A instalação também tratava temas sobre a identidade e a alteridade, projetando o espectador dentro do corpo de um pássaro raro. (...) Esta obra criou um sistema auto-organizado de dependência mútua, no qual os participantes locais, os animais, um telerrôbot e os participantes à distância interagem sem comando, controle ou intervenção externa direta. Uma vez que a peça combinava entidades físicas e não físicas, fundia fenómenos perceptivos imediatos com uma intensa consciência do que nos afeta, embora esteja virtualmente ausente e fisicamente distante. A ecologia local do viveiro foi afetada pela ecologia da Internet e vice-versa.” (Kac, in Estética Digital, p.97). (ver anexo A, imagem 2)*

O processo de interacção entre máquina e *performer*, ou a aplicação das novas tecnologias, passa a ser um elemento inerente à obra. O próprio emprego da técnica permite ao artista/*performer* prescindir de sua presença física no espaço da acção, muitas vezes substituída por aquela imagem electrónica. Porém, possibilita que o espectador seja convidado a assumir seu lugar na consumação da (inter)acção. Conceitos de obra, *performer*, público, entorno e procedimento estão, em maior ou menos medida, circunscritos à relação entre ser humano e máquina.

Outro exemplo de criação artística em rede é a obra *Ping Body* (1996) de Stelarc. Este artista coloca em rede um corpo que pode ser habitado e manipulado pelos usuários da Internet, acabando por propor uma nova concepção de identidade e consciência de realidade pessoal: o corpo como objecto e como sujeito ao mesmo tempo; *o corpo não mais como um sistema funcional fechado, mas como um meio receptor e de interface entre sujeito e observador, entre sujeito e entorno, entre sujeito e máquina.* (Giannetti, 2002, p.103). (ver anexo A, imagem 3)

Existe uma profunda mudança introduzida pela tecnologia digital incidindo esta, principalmente, no modo de geração e transmissão de informação e, sem dúvida, na própria essência da mesma: *Os dispositivos de interação e as interfaces funcionam como elementos de controle com o objectivo de manter a equanimidade da comunicação. (...) Com as tecnologias digitais podemos considerar que se produz uma segunda revolução do controle, na qual estão envolvidos não só sistemas diretamente vinculados à realidade (objetualidade, materialidade), mas também, dispositivos*

*baseados em parâmetros de virtualidade (artificialidade, imaterialidade)* (Giannetti, 2002, p.123).

## **Capítulo 4**

### **Um novo espaço público: A Internet**

#### **4.1. Internet e redes sociais: o Facebook**

O espaço é um conceito abstracto, pois tal como tempo, não o conseguimos ver, tocar ou mesmo sentir. Reconhecemos facilmente as coisas que o ocupam, que o preenchem mas não o espaço em si. A sua concretização resulta da relação entre a nossa posição e a posição das coisas. Perceber o espaço pressupõe um processo de abstracção – uma geometria – que terminará por modelar as coisas no espaço (tornando-se numa geometria física) e as nossas representações das coisas no espaço (derivando numa geografia imaginária).

Provavelmente a grande revolução do século XX, a Internet é a rede informática mundial que agrega todas as outras redes nacionais, regionais e privadas, e que permite uma permanente ligação a milhões de sistemas, desde particulares, instituições académicas, comerciais, governamentais e militares. Essa ligação permite um fácil acesso e troca de informação, assim como a transferência de dados entre utilizadores. Inicialmente projectada como ferramenta académica e militar, a partir da sua utilização comercial, desde o início da década de noventa, o seu crescimento tem

sido exponencial e a INTERNATIONAL TELECOMMUNICATION UNION<sup>1</sup> apresenta nas suas estatísticas relativas a 2008, 1542 milhões de utilizadores em todo o mundo. Em Portugal, através do *Bareme Internet da Marktest*<sup>2</sup>, apresentado em 2008, é revelado que existem 3.839 mil utilizadores de Internet, o que, de acordo com a empresa de estudos de mercado, representa um crescimento de 800% no espaço de uma década. *Hoje em dia sabe-se como as anteriores tecnologias da comunicação mudaram a vida das pessoas, tornando-se necessário compreender como e porquê tantas experiências sociais estão a evoluir em paralelo com as mais recentes tecnologias da comunicação* (Rheingold, 1996, p.18).

A Internet veio derrubar barreiras espaciais, alimentando o conceito da *aldeia global* em que vivemos. A expressão “à distância de um clique” tornou-se comum no que respeita à capacidade de aceder “virtualmente” a qualquer ponto do nosso planeta.

As potencialidades comunicativas deste *admirável mundo novo* são inúmeras e ainda em permanente evolução. A democratização do seu acesso e utilização permitiu a qualquer cidadão do mundo dar expressão às suas ideias e convicções quer em fóruns de discussão, *chats*, *blogues*, etc. Obviamente, o poder da Internet tem vindo a ser rapidamente reconhecido pelo poder político e económico e haverá sempre a comum tentação de o controlar.

*O grande poder do conceito de democracia electrónica reside no facto de as tendências das tecnologias de comunicação poderem ajudar os cidadãos a acabar com o monopólio da sua atenção por parte dos poderes subjacentes ao paradigma da difusão – os donos das redes televisivas, associações de jornais e associações editoriais. A grande fraqueza do conceito de democracia electrónica consiste em poder ser mais facilmente transformado num produto do que explicado. A comercialização e a mercadorização do discurso são apenas um dos graves problemas colocados pela*

---

<sup>1</sup>[http://www.itu.int/ITU-D/ict/statistics/at\\_glance/KeyTelecom99.html](http://www.itu.int/ITU-D/ict/statistics/at_glance/KeyTelecom99.html)

<sup>2</sup><http://www.marktest.com/wap/a/n/id~10b3.aspx>

*sofisticação crescente dos meios de comunicação. A Rede, que funciona maravilhosamente como uma rede lateral, também pode ser usada como uma jaula invisível (idem, 1996, p.349).*

O Facebook é um website surgido em 2004, no seio da Universidade Harvard, criado por um seu ex-aluno, Mark Zuckerberg, cujo objectivo foi criar uma rede entre os seus estudantes que promovesse o relacionamento social, facilitasse a comunicação entre amigos, família e colegas de trabalho. A ideia rapidamente se alargou a outras universidades e escolas americanas e acabou por ultrapassar esse universo, tornando-se acessível a qualquer pessoa com mais de treze anos, instituições e empresas. *Suspeito de que uma das explicações para esse fenómeno seja o desejo de comunidade que cresce em toda a parte no interior dos indivíduos, à medida que desaparecem cada vez mais espaços públicos da vida quotidiana (Ibidem, 1996, p.19).*

Hoje o *Facebook*, segundo o próprio site<sup>3</sup>, conta com cerca de 300 milhões de utilizadores activos em todo o mundo. O conceito é simples: depois de devidamente registado no site, podemos convidar os nossos amigos, inscritos ou não, a fazerem parte da nossa rede de amigos *Facebook*. Assim, vão surgindo pequenas redes, dentro da rede mãe que alberga todos os utilizadores. Com esses amigos podemos partilhar, colectiva ou individualmente, fotografias, vídeos, mensagens, convites para eventos ou encetar uma conversa através do *Chat* disponível.

No artigo de Patrícia Jesus, publicado no sitio do Diário de Notícias, a 14 de Fevereiro de 2009, *AS REDES QUE NOS UNEM*<sup>4</sup>, o sociólogo Gustavo Cardoso, director do Observatório da Comunicação (OberCom), diz que "*o grande sucesso das redes online deve-se ao facto de permitirem atingir determinados objectivos, nomeadamente manter contacto com muitas pessoas, com custos muito baixos: quer a nível de tempo quer de dinheiro*".

No *Facebook* podemos encontrar desde o mais anónimo desconhecido até ao presidente americano Barack Obama ou o presidente francês Nicolas Sarkozy e seguir as suas agendas políticas e sociais.

---

<sup>3</sup> <http://www.facebook.com/press/info.php?statistics>

<sup>4</sup> [http://dn.sapo.pt/inicio/interior.aspx?content\\_id=1172715](http://dn.sapo.pt/inicio/interior.aspx?content_id=1172715)

#### 4.2 *Site-specific*: uma proposta de intervenção no espaço virtual

Antes de começarmos por esclarecer um dos pontos cruciais da conceptualização deste projecto, contextualizaremos, de forma sucinta, o conceito *site-specific*.

*O considerável avanço levado a efeito pelas formas site-specific do Minimalismo e dos discursos que as apoiaram nos anos 60, é inegável. Foi a razão ela mesma do termo site-specificity (Pinheiro, 2005, p.68).* Os trabalhos artísticos surgidos nos 60 e princípios dos anos 70, levaram os artistas a produzir obras no espaço público, como em grandes praças ou ruas, mas também inseridos em espaços naturais e muitas vezes distantes das cidades e da civilização (*Land-Art*). Vários foram os artistas que fizeram parte destes movimentos, assim como Richard Long, Walter de Maria, Athena Tacha, Dan Flavin, Robert Smithson, Richard Serra, entre outros.

*A base para o movimento em direcção à arte pública foi procurar contrariar a arquitectura do pós-guerra e a sua percebida falta de humanidade, em conjunto com o reconhecimento da separação entre a arte e a arquitectura. A ideia dos artistas trabalhando no espaço público cresceu da preocupação de trabalhar em conjunto com a arquitectura com vista a um melhor meio urbano. Mas cresceu também a partir da expansão do mundo da arte e da necessidade por parte dos artistas de encontrar um novo sentido para o seu papel, no quadro do surgimento e crescimento comercial de uma indústria artística internacionalizada. A arte pública foi vista como agregadora das possibilidades humanistas e sensíveis da arte com a experiência brutalista, tecnológica e comercial da arquitectura (Hunt, in Curadoria do Local, 2005, p.89).*

Uma outra nova forma de encarar o espaço tinha sido impulsionada pela arte pública, onde a produção e criação de obras eram criadas de acordo com o ambiente de um espaço determinado e dialogando com o meio circundante.

*(...) Os artistas a cujo trabalho o termo foi inicialmente aplicado, tinham-se afastado do uso quase religioso do espaço tradicional das Galerias de arte, para*

*passarem a criar e mostrar o seu trabalho nos grandes espaços exteriores das cidades e paisagens naturais. O conceito apresentava a ideia do sítio (site) como parte intrínseca da obra ela mesma, e mesmo a obra concebida para espaços de exposições tradicionais, trazia no seu menu uma poderosa e incontestável conexão com a disposição arquitectónica (Pinheiro, 2005, p.68).*

Partimos então, do conceito *site-specific*. Este conceito levou-nos ao encontro das ideias-chave do projecto: a questão do espaço público, como elemento impulsionador para o encontro de pessoas, assim como a alteração “física” do espaço que ruma em direcção ao aparecimento de novos públicos.

*A sítio-especificidade emergiu como um conceito central para a arte no espaço público. A sítio-especificidade reconhece, como um elemento de comunicação essencial, o campo onde a arte se envolve com uma noção colectiva de espaço público (Hunt, in Curadoria do Local, 2005, p.91). O nosso projecto pretende que as pessoas envolvidas, através da troca de ideias, trabalhem colectivamente, onde a noção de processo é já parte da criação do mesmo. Os artistas estão agora a emergir dos seus estúdios para se envolverem num novo papel, em conjunto com a comunidade, para definir e interpretar aquela noção de espaço através da discussão, conversação e negociação. Isto não é parte de um procedimento imposto em nome da administração governamental ou de interesses comerciais. Igualmente, o artista não se preocupa simplesmente em realizar uma obra isoladamente no estúdio, para depois ser transferida para um lugar público. A palavra-chave aqui é o processo (idem, p.91).*

Este projecto compartilha as bases conceptuais e relacionais do *site-specific*, onde pretendemos que o próprio processo de trabalho (troca de ideias, participação das pessoas nesta plataforma) seja parte construtora e constitutiva de um possível evento. O processo ganha não só relevância, como também é parte fundamental deste projecto.

*Uma obra feita para o espaço público e criada para um lugar específico, reconhece o carácter temporário e efémero da obra de arte num meio urbano público. (...) O processo de realizar obra envolvendo discussão pública é tão importante como o produto artístico, e pode mesmo substituir a expectativa de um objecto de arte. (idem,*

p.91). Esta citação acaba por ir ao encontro de uma das charneiras deste projecto, pois ao pretendermos discussão pública entre várias pessoas de diferentes áreas artísticas, mas também, com todo um outro conjunto de pessoas que não façam parte destas áreas do saber, acreditamos que o mesmo, possa ser capaz de criar diálogo social e participação activa dos cidadãos.

Ao utilizarmos como ferramenta o *Facebook* e tendo como ponto de partida o *site-specific*, o pensamento e conceptualização do mesmo pela autora Anne Cauquelin acabou por nos elucidar sobre a relação deste conceito com o uso da Internet: (...) *sítio específico assim como sítio na internet, o termo sítio foi o terceiro termo do dispositivo espacio-temporal, ao lado do espaço e do lugar.*

*Com efeito, pensemos na internet: o que é o sítio na internet? Nem é local, nem é central: é local, lugar, porque cada utilizador o faz aparecer no ecrã, dá-lhe existência, coloca-o, instala-o. Mas é também mundial porque está ligado à rede mundial, e sem ela não pode existir. O sítio não é nem local nem central, é incorpóreo. A partir do momento que desligue o meu computador, nada mais existe, é necessário que eu o active de novo para que o sítio apareça. Não está lá, não é uma substância. É o resultado de uma acção. Resultado: o sítio está onde implementamos uma acção. (...) As pessoas não estão num local, o local torna-se tal porque nós o situamos momentaneamente como tal. (Pinheiro, 2005, p.111)*

Esta curiosa relação entre a actualização e adaptação do conceito *site-specific* com o uso da Internet foi crucial para a conceptualização deste projecto.

O uso da Internet, e mais especificamente o *Facebook*, parte do facto de ser necessário que cada utilizador esteja activo e conectado com a rede e por isso, é necessária uma acção, uma vontade de participação. Não estabelecemos qualquer tipo de contrato ou impusemos algum tipo de restrição. As pessoas que participaram fizeram-no de livre e espontânea vontade, foram parte constitutiva deste “sítio” por sua própria escolha.

Voltando a citar Jeremy Hunt: *A actividade da arte pública, na sua actual encarnação a partir dos últimos 30 anos, tem desenvolvido um estatuto de independência tanto a nível da prática, como da teoria e da academia. Uma tendência*

*notável tem sido o surgimento de uma percepção ética do meio cívico, que resultou numa ênfase no processo a partir do qual o espectador é envolvido na arte feita para os espaços públicos*(in Curadoria do Local, 2005, p.102).

*(...) Assim, o lugar, é o que nós fazemos, o que toma forma, não é uma substância que permanece imóvel à espera de nada. Há o lugar, há o local, lá onde o colocamos, lá onde o fazemos ser.* (idem, 2005, p.103) É aqui que queremos actuar, agir, impulsionar este encontro para que possa ser possível perceber de que modo as pessoas acreditam ou não que o *Facebook* possa ser um espaço de cidadania e de criação artística.

#### **4.4 Criação na rede: realidade ou utopia?**

Em Outubro de 2008, o YouTube, com o intuito de promover a música clássica e convidar os músicos a participarem num concurso mundial, criou o canal *YouTube Symphony Orchestra*. O canal foi disponibilizado em várias línguas inclusive uma versão em português do Brasil. O projecto contou com parceria com o *Carnegie Hall* de Nova York e artistas como o compositor Tan Dun e o maestro Michael Tilson Thomas. Os músicos interessados em participar neste concurso, tiveram de, até ao dia 28 de Janeiro de 2009, fazer o *upload* de dois vídeos: um onde mostravam as suas habilidades técnicas e outro executando uma composição de Tan Dun criada exclusivamente para este projecto. O *download* da partitura para cada instrumento pôde ser feito através do próprio canal. Os vídeos foram avaliados por especialistas das orquestras filarmónicas de Berlim, Nova York e São Francisco. Participaram nesta audição virtual cerca de 3000 músicos, de um total de 70 países. Os 94 vencedores deslocaram-se aos EUA, onde estrearam a 15 de Abril, no *Carnegie Hall* de Nova Iorque a obra de Tan Dun, compositor japonês, sob a direcção do maestro Tilson Thomas da Orquestra Sinfónica de São Francisco. Um dos seleccionados foi o violinista português Tiago Santos. (ver anexo A, imagem 4)



Em Setembro de 2009 foi concluída a escrita de um libreto para uma ópera através da rede social da internet *Twitter*. Este projecto foi lançado pela *Royal Opera House* com objectivo de aproximar o público em geral a esta forma de expressão artística. A ópera em causa foi estreada no festival *Deloitte Ignite 09* em Londres. A participação esteve aberta a todos os utilizadores desta rede.

Esta rede permite, em tempo real, num máximo de 140 caracteres, publicar no perfil de cada usuário uma determinada mensagem, um “*tweet*”. “*What’s hapennin?*” é o mote apresentado no sítio do *Twitter* mas cada um poderá dar-lhe o uso que quiser. Aos “*tweets*” têm acesso os inscritos na rede que decidirem “seguir” o seu autor. Estas actualizações podem ser feitas através da Web ou de SMS através de um serviço de *microblogging*.

Em Agosto passado, José Cohen, jovem escritor mexicano, lançou um desafio semelhante aos seus seguidores no Twitter: escrever uma novela em dez capítulos, de 140 caracteres cada, sendo que os primeiros quatro foram por ele publicados e os restantes seriam resultado dos “*tweets*” recebidos. A obra chamou-se “*El Espejo*”. Estes exemplos, servem para comprovar a possibilidade de criação artística através das redes sociais da Internet. A eliminação de barreiras físicas, através desta forma de espaço público, possibilita o encontro entre criadores e público, potenciando em larga escala a interactividade entre estes e a obra. Os papéis chegam mesmo a mesclar-se na participação de uma criação colectiva. Acreditamos que o próprio formato e funcionalidade destas redes tenderá num futuro próximo a evoluir facilitando experiências como as citadas.

## **COMPONENTE PRÁTICA**

### **METODOLOGIA**

Dado que pretendemos estudar um fenómeno social, que consiste no papel cultural do *Facebook*, consideramos que o método mais adequado será de vertente quantitativa, para tal, recorreremos ao Questionário como técnica de suporte ao nosso estudo. As perguntas elaboradas são abertas permitindo uma análise mais rica dos resultados. Sustentados na pesquisa teórica anteriormente efectuada, elaboramos o nosso instrumento de estudo (anexo B). O questionário divide-se em 3 partes, a primeira diz respeito à identificação pessoal (questões 1, 2, 3 e 4), a segunda diz respeito à importância da rede na vida pessoal (questões 5, 6, e 7), a terceira engloba a importância da rede na divulgação e produção cultural (questões 8 e 10) e finalmente, a importância da rede como espaço público (questões 9 e 11). Este questionário incidirá sobre uma amostra que não se pretende representativa mas significativa do ponto de vista qualitativo.

A difusão do questionário foi realizada com o recurso às novas tecnologias, nomeadamente à utilização de uma das redes sociais da Internet mais populares no momento - o *Facebook*.

### **CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA DE TRABALHO**

O questionário foi remetido via *Facebook* a um total de 418 utilizadores inscritos nesta rede, dos quais 369 pertencem à nossa rede pessoal de contactos e os restantes 49 foram aleatoriamente seleccionados do universo português de utilizadores do *Facebook*. O envio deste questionário ocorreu em duas datas distintas. No dia 4 de Novembro de 2009 foram enviados 401 questionários aos quais obtivemos 29 respostas. Após reunião com a Orientadora do nosso estudo foram reenviados, no dia 12 de Novembro, novamente para os utilizadores que até à data não tinham

respondido. Enviamos novamente a 17 escolhidos aleatoriamente fora da nossa rede de contactos. Tomou-se esta decisão com o objectivo de aumentar a nossa amostra e com isto conseguirmos informações mais sustentadas para o nosso estudo. Nesta segunda fase, encerrada a 14 de Novembro, obtivemos mais 23 respostas, totalizando um universo de 52 respostas. A obtenção de respostas rondou os 11%. Destas 52 respostas verificamos que 43, ou seja, cerca de 83%, foram enviadas em menos de 24 horas. Assim podemos, desde já, verificar que a velocidade de interacção nesta rede é um factor de relevo na forma como cada um utiliza o *Facebook*.

Referimos, também, que 259 dos questionários foram enviados a pessoas em nome próprio aos quais obtivemos 45 respostas, correspondendo a 17% de resposta, e os restantes 159 a instituições ou colectividades e que apenas 7 das 52 respostas dizem respeito a este universo, ou seja, aproximadamente 4% do mesmo.

## INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

### Distribuição em função do Sexo

Sexo	Freq.	%
Homens	23	44
Mulheres	29	56
<b>Total</b>	<b>52</b>	<b>100</b>

Das 52 respostas obtidas, 29 são do sexo feminino e 23 são do sexo masculino.

### Distribuição em função da Idade

Idade	Freq.	%
15-24	8	15
25-34	22	42
35-44	15	29
45-54	6	12
55-64	1	2
<b>Total</b>	<b>52</b>	<b>100</b>

De acordo com a distribuição etária acima representada verificamos uma maior incidência de sujeitos entre os 25 e os 34 anos de idade (42%), seguida dos sujeitos entre os 35 e os 44 anos de idade (29%).

### Distribuição por Distrito

<b>Idade</b>	<b>Freq.</b>	<b>%</b>
Porto	32	62
Lisboa	9	17
Outros	9	17
<b>Total</b>	<b>50</b>	<b>96</b>

Dois dos inquiridos não mencionaram a localidade

No que diz respeito à distribuição por distrito verificamos que maioria dos inquiridos pertence à cidade do Porto (62%), seguidos dos pertencentes a Lisboa (17%) e por último aparecem 9 participantes de diferentes regiões do país.

### Distribuição segundo a Categoria Socioprofissional

<b>Idade</b>	<b>Freq.</b>	<b>%</b>
Estudantes	6	11
Professores	5	9
Artistas (Artes Performativas)	17	33
Artistas (Artes Plásticas)	3	6
Produtores	4	8
Outros	17	33
<b>Total</b>	<b>52</b>	<b>100</b>

Perante a distribuição segundo a Categoria Profissional, verificamos que a maior parte dos participantes, cerca de 39%, são artistas quer das Artes Performativas quer das Artes Plásticas.

### A IMPORTÂNCIA DO FACEBOOK NA VIDA PESSOAL

Para a análise desta temática recorreremos às questões **5, 6 e 7** do questionário.

### Motivos que impulsionaram a adesão à Rede

Motivos	Freq.	%
Contactos Profissionais	8	15
Contactos Pessoais	24	46
Contactos Pessoais e Profissionais	10	19
Cidadania	3	6
Lazer/Entretenimento	1	2
Curiosidade	5	10
Não sabe	1	2
<b>Total</b>	<b>52</b>	<b>100</b>

Da análise à questão 5, podemos inferir que a maior parte dos sujeitos do nosso estudo, aderiram ao *Facebook* para usufruírem de contactos pessoais, cerca de 46%, mas 19% aderiram com um objectivo misto, ou seja, contactos pessoais e profissionais em rede, sendo que logo a seguir, com 15%, aparecem aqueles que aderiram exclusivamente por motivos profissionais.

De acordo com a análise das respostas à Questão 6, *Está Inscrito noutra rede social?* verificou-se que 67% responderam afirmativamente. O que se traduz no facto de 33% dos sujeitos escolherem, como única rede social para uso, o *Facebook*.

### Distribuição segundo a Frequência de Utilização do *Facebook*

Frequência de Utilização	Freq.	%
Várias vezes por dia	7	14
Uma vez por dia	34	65
Até 3 vezes por semana	8	15
Outros*	3	6
<b>Total</b>	<b>52</b>	<b>100</b>

\*A categoria Outros, foi criado porque a pergunta do questionário relacionada com a frequência de utilização, foi aberta, o que originou algumas respostas impossíveis de categorizar com precisão.

Relativamente à questão 7, *Com que frequência visita a rede? E durante quanto tempo?*, obtivemos dados importantes. Por um lado, e como ilustrado no quadro infra, 65% dos inquiridos, visitam o *Facebook* uma vez por dia, enquanto 14% o fazem mais do que uma vez por dia. Se ajustarmos uma análise mais profunda, ao tempo dispendido em cada utilização, conseguimos determinar que 26 sujeitos permanecem mais do que 30 minutos no *Facebook* em cada utilização, enquanto 16 permanecem menos do que 30 minutos. Existem ainda aqueles que estão permanentemente *on-line*, mas são casos excepcionais.

#### A IMPORTÂNCIA DO *FACEBOOK* NA DIVULGAÇÃO E PRODUÇÃO CULTURAL

##### Distribuição da Importância do *Facebook* na Divulgação Cultural

Importância na Divulgação Cultural	Freq.	%
Nenhuma ou pouca	4	7
Média	11	21
Elevada	20	39
Muito Elevada	17	33
<b>Total</b>	<b>52</b>	<b>100</b>

Relativamente à importância do *Facebook* na divulgação cultural verificamos que 72% dos inquiridos consideram que esta é de elevada ou muito elevada importância.

##### A Importância do *Facebook* na Criação Cultural

Poderá ser o <i>Facebook</i> um espaço de Criação Cultural	Freq.	%
Sim	24	46
Não	12	23
Talvez	7	14
Não Sabe	9	17
<b>Total</b>	<b>52</b>	<b>100</b>

Relativamente a esta questão, verificamos que 46% dos inquiridos consideram que o *Facebook* é ou poderá funcionar como espaço de criação cultural, sobretudo

pela facilidade de encontro e partilha que a rede possibilita. Cerca de 14% colocam essa possibilidade sem grandes certezas e 23% acham tal será impossível. Sem ideia formada sobre essa questão estão cerca de 17% dos inquiridos.

#### **A IMPORTÂNCIA DO FACEBOOK NA DIVULGAÇÃO E PRODUÇÃO CULTURAL**

No que diz respeito à questão, *Considera que esta rede ou outras, poderá funcionar como um espaço público, fundamental, de reflexão e partilha social e cultural?* Obtivemos 24 respostas de cariz positivo, o que corresponde a 46% da nossa amostra, 12 de cariz negativo e 16 que revelam indecisão ou incerteza. De salientar que a maioria das respostas de cariz positivo não considera este espaço como fundamental, mas sim como mais uma das dimensões do espaço público em geral.

Passamos agora à última questão abordada *Considera que a participação em redes sociais desta natureza poderá ser uma forma de cidadania? Porquê?* Desta feita, apuramos 29 respostas positivas, justificadas por alguns dos seguintes exemplos: *“Porque permite a associação de pessoas em causas comuns e espaços de debate comuns”*; *“Porque os diferentes utilizadores podem ter um papel activo na sociedade civil”*; *“Sim, sempre que estejam em causa acções ou manifestações que por este meio consigam maior difusão e sensibilização para a causa a promover”*. Por outro lado, verificamos 15 respostas negativas, também aqui retratadas com alguns exemplos: *“Na minha opinião este é um espaço de mera partilha. Não penso que se possa considerar uma forma de cidadania.”*; *“Não vejo em que é que pode ser uma forma de cidadania. O inscrever-se em grupos humanitários ou em causas não quer dizer que se tenha uma acção prática nestas. A cidadania necessita de muito mais do que a discussão ou o dizer que sou ou não a favor disto ou daquilo”*. Existem ainda 8 respostas que não podem ser categorizadas de forma tão inequívoca.

Face aos objectivos inicialmente traçados consideramos que os resultados agora obtidos forneceram dados importantes para a nossa pergunta de partida, ***Qual o papel cultural da rede social Facebook?*** Verificamos que das pessoas que responderam ao nosso questionário, 72% consideraram que o *Facebook* é ou poderá ser um instrumento importante de divulgação cultural. Note-se que a maior parte dos

participantes trabalham no domínio das Artes, o que corrobora ainda mais este ponto de vista. Dado que o *Facebook* é uma rede social bastante recente em Portugal, poder-se-á esperar um crescimento do potencial desta ferramenta na divulgação cultural. Vimos aliás ao longo desta trabalho, exemplos concretos no domínio das redes sociais da Internet que foram realizados noutros países. Algumas das pessoas que responderam ao nosso questionário manifestaram que só tiveram interesses/conhecimento de alguns eventos culturais, porque estes lhe foram dados a conhecer via *Facebook*. Por outro lado, o elevado número de vezes que as pessoas frequentam a rede (65% uma vez por dia e 14% mais do que uma vez por dia), também nos dá um indicador importante, ou seja, é um bom veículo de divulgação, porque é regularmente visualizado pelos seus utilizadores.

De uma forma geral, o envio dos questionários via *Facebook* permitiu-nos recolher informações importantes para o nosso estudo. Deparamo-nos com algumas dificuldades na análise dos resultados, porque as questões colocadas, de forma aberta, impediram uma maior organização por clusters. No entanto, foi dada a oportunidade aos sujeitos para expressarem livremente as suas respostas, o que do ponto de vista qualitativo também foi interessante. Verificamos que o *facebook* embora seja uma ferramenta relativamente recente, tem sido bem recebido pelo seu público e a sua utilização é cada vez mais crescente.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, desde o seu início, foi sofrendo alterações e reformulações. Estas foram fundamentais para nos aproximarmos dos princípios estruturais do nosso objecto de estudo.

Constatamos que muitas das questões, aqui presentes, necessitam de ser aprofundadas, mas os resultados obtidos não deixam de apontar no sentido de que as redes sociais da Internet poderão desempenhar um papel cultural muito importante. De acordo com a pesquisa bibliográfica e a componente prática realizadas, consideramos que aquelas que no nosso entender são as questões de maior pertinência, ou seja, o *Facebook*, como espaço de cidadania e criação cultural, mereceram, maioritariamente, resposta positiva no questionário efectuado. Fica, desta forma, em aberto, a exploração dessa potencialidade, reafirmada pela importância revelada como instrumento de divulgação cultural. A facilidade e o baixo custo parecem justificar o sucesso deste formato comunicacional.

Acreditamos que os resultados deste trabalho poderão ser um ponto de partida para novas problematizações e reflexões sobre as profundas transformações do presente, no nosso quotidiano; um incentivo para um estudo aprofundado da contemporaneidade, da nossa inegável relação com a tecnologia. Esta consciência é fulcral para um melhor entendimento da posição que cada um de nós tem no mundo, não apenas a nossa relação com o mesmo, mas a sua própria representação e estruturação.

## Bibliografia

ADORNO, Theodor W. (1970), Teoria Estética, Lisboa, Edições 70.

BARBOSA, Ana Mãe (org.) (2005), Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais, São Paulo, Cortez Editora

BARBOSA, Pedro (2002), Arte, comunicação e semiótica, Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa.

BARTHES, Roland (1982), O grão da voz, Lisboa, Edições 70.

CRUZ, Maria Teresa (org.) (2002); MIRANDA, José A. Bragança, Crítica das Ligações na Era da Técnica, Lisboa, Tropismos

FERNANDES, António Teixeira (1999), Para uma Sociologia da Cultura, Porto, Campo das Letras

GIANNETTI, Cláudia (2006), Estética Digital, Belo Horizonte, C/Arte

PATROCÍNIO, Tomás (2002), Tecnologia, educação e cidadania, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional

PINHEIRO, Gabriela Vaz (2005), Curadoria do Local, Torres Vedras, Art/InSite - Transforma AC

RHEINGOLD, Howard (1996), A Comunidade Virtual, Lisboa, Gradiva.

RIBEIRO, António Pinto (2004), Abrigos (condições das cidades e energias da cultura) Lisboa, Cotovia

SACRISTÁN, José Gimeno (2003), Educar e Conviver na Cultura Global, Porto, Edições Asa

SAVATER, Fernando (1997), O valor de educar, trad. Michelle Canelas, Lisboa, Editorial Presença.

VILLAR, Maria Belén Caballo (2007), A Cidade Educadora 2ª edição, Lisboa, Instituto Piaget.

**Páginas consultadas na Internet:**

<http://www.facebook.com/press/info.php?statistics>

[http://dn.sapo.pt/inicio/interior.aspx?content\\_id=1172715](http://dn.sapo.pt/inicio/interior.aspx?content_id=1172715)

[http://www.itu.int/ITU-D/ict/statistics/at\\_glance/KeyTelecom99.html](http://www.itu.int/ITU-D/ict/statistics/at_glance/KeyTelecom99.html)

<http://www.marktest.com/wap/a/n/id~10b3.aspx>

<http://www.ekac.org>

<http://www.stelarc.va.com/au/>

<http://nytimes.com>

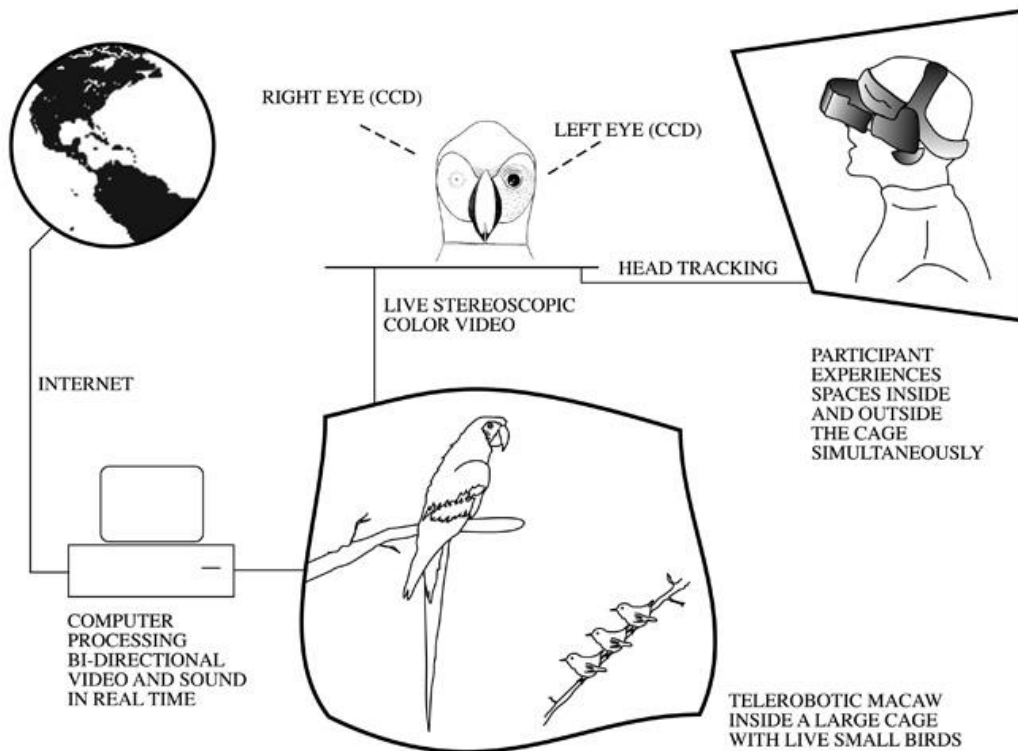
<http://viralblog.com>

<http://medienkunstnetz.de/mediaartnet/>

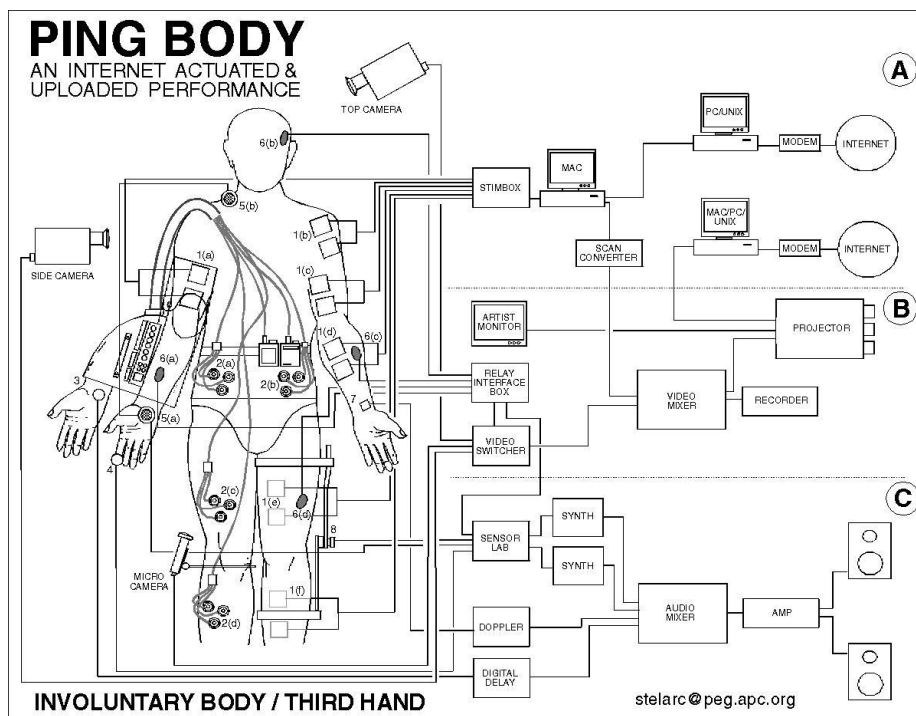
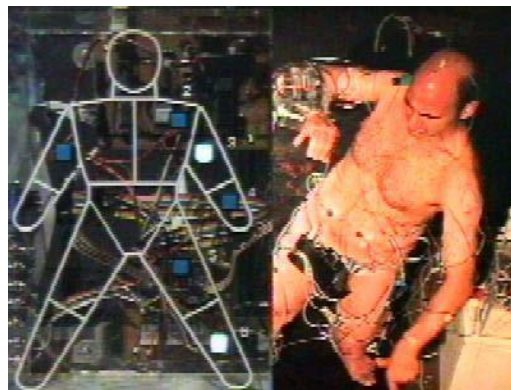
Anexo A



1. Nam June Paik, *Good Morning Mr.Orwell* ,1984



2. Eduardo Kac, *Ravis Avis*, 1996



3. Stelarc, *Ping Body*, 10 de Abril de 1996 (20h00)





4. YouTube Symphony Orchestra, 15 de Abril de 2008, Carnegie Hall, Nova Iorque

## **Anexo B**

### **Questionário**

1. Nome
2. Idade
3. Profissão
4. Localidade
5. Qual o motivo que o/a fez aderir a esta rede (Facebook)?
6. Está inscrito/a noutra(s) rede social?
7. Com que frequência visita esta rede? E durante quanto tempo?
8. Como público/consumidor, que importância atribui a esta rede na divulgação da produção cultural?
9. Considera que esta rede (ou outras) poderá funcionar como um espaço público, fundamental, de reflexão e partilha social e cultural?
10. Concorda que este conceito de rede social poderá ser um novo espaço de criação cultural? Se sim, de que forma?
11. Considera que a participação em redes sociais desta natureza poderá ser uma forma de cidadania? Porquê?



## Anexo C

### Respostas

#### *Resposta nº 1*

1. **Maria Teresa Maio S.M. Serrenho** (VIVER A CIDADE)
2. 53 anos
3. Professora
4. Caldas da Rainha
5. Para divulgar um projecto de intervenção democrática e cívica.
6. Sim, pela mesma razão, no “you tube”
7. Diariamente, mais ou menos. Hora
8. Acho que é relativa... Confesso que esperava mais... Tanto a nível de participação, como a nível de seriedade.
9. Talvez, mas com uma estrutura mais séria...
10. Acho que sim, se houver dinâmicas temáticas e sérias.
11. Claro que pode ser uma forma de participação e de cidadania, no entanto continuo a considerar que deveria ter um carácter mais sério, embora possa ser informal e até divertido, no entanto há coisas mesmo descabidas e que são uma perda de tempo.

#### *Resposta nº 2*

1. **Catarina Lacerda**
2. 28
3. actriz
4. Vila Nova de Gaia
5. divulgação da actividade profissional e contacto com parceiros internacionais
6. não
7. em média 30 min diariamente
8. creio ser um bom meio de divulgação de eventos e espectáculos e partilha de referências

9. de partilha de informação aos mais variados níveis creio que sim, de reflexão não me parece que tenha o formato para tal
10. de criação cultural não me parece plausível mas...
11. sim, de certo modo. a divulgação que permite pode assumir várias formas, cultural, social e politicamente falando e isto parece-me per si uma forma de cidadania

*Resposta nº 3*

1. **Paula Ramos**
2. 31
3. Técnica de Contabilidade
4. Vila do Conde
5. Para aderir a um amigo que se encontra fora do nosso país.
6. Sim
7. Algumas vezes por semana, por alguns minutos.
8. Por vezes vejo alguma divulgação, atractiva.
9. Claro que sim, basta às vezes pequenos tópicos.
10. sim, através desta rede poderá sugerir novos projectos, basta as pessoas contactarem-se entre si e trocar ideias.
11. Sim é uma forma de cidadania, e poderá sempre haver a hipótese de criação de algo, que um outro membro tenha em comum.

*Resposta nº 4*

1. **Fernando Vilarinho**
2. 37
3. Bibliotecário (a principal)
4. Vila do Conde
5. Por constatar na altura que o facebook estava a começar a provocar uma mini-revolução na internet e queria estar por dentro para a perceber melhor, bem como para tentar fazer parte dela, um entre milhões!
6. Sim, estou (ning, myspace, hi5,...). Mais activo nuns e latente noutros.

7. Durante a semana visito-o diariamente, o tempo despendido é mt variável. Muitas vezes estou online no facebook mas ando a fazer outras coisas pela net (email, websearch, gerir sites comerciais ou sem fins comerciais, etc). Ao fim-de-semana é mais raro entrar no facebook
8. No global é mais uma fonte de divulgação (da produção cultural), ainda não assume o estatuto de fonte privilegiada. Funciona inda um pouco como chamariz (fonte secundária) para dirigir as pessoas a um outro espaço (fonte primária) na net. Mas em alguns casos gradualmente está transitar tb para ser uma fonte primária.  
Contribui para a pluralização e alargamento a mais actores socais dos actos de divulgação cultural, pois é uma ferramenta que assume, entre vários aspectos, simplicidade e funcionalidade qb
9. Sim, no geral quanto mais especifico ou, por outro lado, popular é a temática agregadora mais relevo e projecção assume como espaço de reflexão e partilha social e cultural. Para ser um espaço público, fundamental, e privilegiado ainda está dependente de uma maior evolução da tecnologia e “ciências de computador” (na acepção do termo). Facebook, my space, ning , etc são redes embrionárias de uma nova geração de redes sociais que advirá brevemente e agregará múltiplos aspectos das redes precedentes sustentado num nível tecnológico com muitas mais potencialidades, de maior mobilidade, e de maior interacção entre os vários espaços na net. A lógica destas redes sociais é de paralelamente se constituírem como amplos mashups numa lógica do máximo do desenvolvimento ser realizada pelos respectivos membros e não restrito aos programadores e afins, apesar de estes ainda superintenderem os processos primordiais que inferem nos eixos evolutivos da própria rede
10. Já o é em tantas formas. Contudo, ainda sobretudo em pequena escala e interpolado.
11. Sim, apenas o facto de as pessoas se predisporem a interagir ‘socialmente’ num ambiente (mormente) virtual já o é.

*Resposta nº 5*

1. **Rita Burmester Moreira**
2. 25
3. Actriz, produtora, encenadora e formadora
4. Porto
5. Diversos convites de várias pessoas.
6. No Hi5.
7. Pouca frequência, 5 a 10m.
8. É bom porque aparecem vários convites para participar nas actividades culturais e de certa forma também me põe a par do que se passa.
9. Talvez, mas para mim funciona mais como receptor de actividades culturais.
10. Nunca pensei muito sobre o assunto, acaba por funcionar como um elo entre pessoa que estão de alguma forma envolvidas no meio da cultura.
11. Como falei anteriormente para mim funciona como um elo de ligação entre as pessoas e os eventos, claro que poderá ser uma forma de cidadania se formos muito mais fundo, e depende da importância que cada qual atribui a este tipo de redes sociais. Mas no futuro poderá ser cada vez mais importante.

*Resposta nº 6*

1. **Clara Ribeiro**
2. 28 (1981)
3. Actriz / Marionetista
4. Gondomar
5. Encontrar, rever e conhecer pessoas ligadas às minhas áreas de interesse.
6. Sim
7. 2 Vx por semana, 15 minutos
8. Considero importante, pois é uma forma eficaz de divulgação de companhias e eventos.
9. Creio que algumas redes sim, outras não funcionam tanto como partilha social e cultural, mas sim como partilha do indivíduo.
10. Penso que não chega a tanto.

11. Penso que é mais uma partilha de ideias, e creio que estas redes sociais fizeram com que hoje em dia cada vez mais existe a necessidade de partilhar informações pessoais e de grupos sociais. É também uma forma de criação de imagem.

*Resposta nº 7*

1. **Sílvia Pereira Magalhães**
2. 32 anos
3. Docente/ Artista de Teatro
4. Guimarães
5. Não sei
6. Sim. Hi5, MSN
7. Diariamente, cerca de 30 minutos
8. Uma importância relativa. Poderá servir de alguma forma como veículo para a divulgação de alguns eventos, da mesma forma que um cartaz, ou a televisão e rádio, mas não creio que suscite grande interesse no sentido de levar as pessoas a aprofundarem os seus conhecimentos sobre as produções em si, ou que sirva mesmo de motor de criação de novos públicos. Parece-me que serve apenas como informação de datas, horários e locais onde se realizam eventos.
9. Não me parece. Nem creio que seja o que as pessoas procuram nas redes virtuais. As pessoas procuram superficialidade, lazer e entretenimento, não reflexões profundas sobre absolutamente nada (sem atribuir nenhuma carga moral à superficialidade ou à profundidade). Se a tal reflexão ocorrer, a mim, parece-me que será por mera obra do acaso e será uma vez sem exemplo. Não acredito que sejam estes os espaços para tais partilhas... E penso que pode ser perigoso querer transformá-las em tal, porque deixam de ter o tal papel de lazer e diversão, fundamental, a meu ver, e começam a correr o risco de se tornarem mais "sérias" (mais "comprimidos-para-sermos-maduros") e afugentar as pessoas ou então, finge-se apenas que cumprem esse papel, ilibando responsáveis de o desempenharem de forma adequada e com a dita "profundidade" e seriedade também necessárias. (Por exemplo, este pequeno

inquérito que exigiria de mim uma maior reflexão e uma tentativa de sistematizar melhor as minhas respostas, se estivesse a ser feito cara-a-cara ou por uma carta que tivesse recebido, e não como uma resposta rápida que estou a debitar nas teclas.... desculpa.)

10. Não sei. Talvez. Talvez não... Não nego à partida uma ciência que ainda desconheço. ;)
11. Não me parece. Julgo que o conceito de cidadania implica uma participação mais activa e não virtual e implica uma dose de responsabilidade e de responsabilização de que felizmente estas redes nos ilibam (daí acredito terem tanto sucesso....)

*Resposta nº 8*

1. **Paulo Querido**
2. 48 anos
3. Jornalista
4. Lisboa
5. Curiosidade profissional.
6. Sim.
7. Várias vezes ao dia. Alguns minutos.
8. Alguma. Crescente.
9. Funciona já.
10. É. Através da integração das várias contribuições da minha rede.
11. É uma forma de cidadania. Porque permite a associação de pessoas em causas comuns e em espaços de debate comuns.

*Resposta nº 9*

1. **Luís Miguel Ferreira**
2. 34
3. Produtor de Eventos
4. Lisboa

5. Motivos profissionais e por achar que é uma forma simples e eficaz de manter e retomar contacto com aqueles que, apesar de conhecermos, não nos são tão próximos.
6. Não.
7. Quase diariamente e durante 30 minutos.
8. Alguma. Nem sempre é feita de forma eficaz. Mas tomei conhecimento de alguns espectáculos através do Facebook.
9. Acho que sim. Creio que isso já acontece de certa forma. Movimentos por causas tão simples como o encerramento do Teatro Sá da Bandeira são um exemplo. Resta apenas perceber que efeito estes movimentos surtem na prática.
10. Qualquer forma de partilha de informação ou de troca da mesma pode gerar e ajudar à criação cultural. Mas não acredito que estejamos preparados para, profissionalmente, partilharmos ideias ou métodos de criação de uma forma despreocupada e sem medo de que outros de apropriem das nossas ideias. Lançar temas para que possam ser debatidos publicamente e daí retirar alguma mais valia para a criação de um produto cultural é uma das possibilidades que as redes sociais oferecem ou permitem.
11. De forma alguma. Estar presente numa rede social não deve suprimir ou substituir o contacto real com as pessoas e com as coisas. Ou seja não devemos nunca esquecermos a realidade palpável.

*Resposta nº 10*

1. **Francisco Gomes**
2. 24
3. Estudante
4. Lisboa
5. Curiosidade
6. Sim (Hi5)
7. Todos os dias cerca de 30 minutos

8. Dado o número elevado de utilizadores, diria que a divulgação cultural pode ser facilmente desenvolvida e mais eficaz
9. Neste caso a noção de "público" é um pouco abrangente. Todo e qualquer fenómeno de reflexão e partilha sócio-cultural é possível nas redes sociais, no entanto, não substitui, na minha opinião, o contacto directo e pessoal
10. Acredito que a rápida e incessante inter-acção em que se baseiam as redes sociais podem ser ponto de partida para criações culturais nos mais diversos campos.
11. Nada substitui os actos efectivos de cidadania, actos de importância nuclear para o funcionamento e comportamento em sociedade. No entanto, é sempre de louvar troca de ideias e pensamentos, desde que estes não se resumam ao ecrã de um computador.

*Resposta nº 11*

1. **José Paiva**
2. 49
3. Professor
4. Porto
5. para contactar com amigos que estão longe
6. sim
7. perto de uma vez por dia
8. pouca
9. tenho dúvidas de sua eficácia
10. de divulgação talvez, de criação não
11. talvez façam esquecer a cidadania, mas pode ser,... quem sabe?

*Resposta nº 12*

1. **Carla Pacheco (SerHogar Antas)**
2. 33
3. Directora Técnica
4. Porto



5. Para angariar contactos profissionais e divulgar a empresa
6. Não
7. Semanalmente. 5 a 10 minutos por semana.
8. Bastante, já que tomo conhecimento de muito mais eventos pelo facebook.
9. sim.
10. Sim, poderão surgir redes e partilha de informação que de outra forma não abrangem tantas pessoas.
11. Sim, na medida em que estamos mais informados, também poderemos despertar para outro tipo de participação social e contribuir para o desenvolvimento da cultura em Portugal.

*Resposta nº 13*

1. **Luciano Amarelo** (Terra na Boca)
2. 32 anos
3. actor/encenador/director artístico da Associação Terra na Boca
4. Porto
5. entrar numa Rede de contactos, reatar contacto, iniciar outros. porque está na moda e para poder divulgar e receber actividades culturais...
6. sim. Terra na Boca está no HI5 e ambos no twitter...mas só se receber mensagens...
7. facebook todos dias
8. é importante porque se entra numa grande REDE
9. social não creio, só para divulgação cultural.
10. facilita o contacto com todo o mundo e temos um acesso mais fácil a todo o tipo de ofertas
11. não é uma forma de cidadania. as pessoas muitas vezes não pensam. "o meu amigo tem facebook eu também devo ter" e é assim que tudo começa!

*Resposta nº 14*

1. **Sílvio d`Casais**
2. 45 anos

3. Artista plástico, historiador de arte, critico de arte, escritor, performer
4. Porto
5. O FB aproxima os amigos distantes (fisicamente), e ajuda a criar outros...  
promovo de alguma forma o meu trabalho através de oportuna divulgação, e o  
FB distraí-me e diverte-me!
- 6.
7. O meu PC está on 24 s/24 h, e por isso as minhas pag<sup>as</sup> on tbn
- 8.
- 9.
10. É concerteza importante e fulcral nos dias de hoje estar em contacto  
permanente com as diversas redes e vasos comunicantes existentes e  
disponiveis, para troca de ideias e (re) formulador de massa critica.
11. FB atenta na actualidade, funcionando como "reagente" a qualquer tipo de  
actividade seja social, politica, cultural, ou outra. E como é natural nas  
democracias, o "reaccionarismo" sempre espreita...

*Resposta nº 15*

1. **Pedro Carvalho**
2. 24
3. Estudante
4. Sta Maria da Feira
5. Curiosidade
6. Sim
7. Todos os dias. Durante 30 minutos
8. Ainda não assumiu um caracter relevante
9. Sim
10. Sim. Porque pode aproximar criadores...e conquistar diferentes nichos de  
público.
11. Sim. Porque os diferentes utilizadores podem ter um papel activo na sociedade  
civil. Ex: iniciativa: Limpar as serras; Dia L

*Resposta nº 16*

1. **Luís Quintais**
2. 40
3. Prof. universitário e investigador
4. Coimbra
5. Encurtar distâncias, comunicar.
6. Não.
7. Uma vez por dia. 5 minutos (máx.).
8. É estimulante, interactiva, e descobrem-se afinidades. Uma experiência válida, se não se perder muito tempo por aqui.
9. Sim.
10. Não sei. Depende do que se entende por "criação cultural". É uma experiência com um elemento performativo; poderá ser um veículo de criação de "cultura" em sentido antropológico. É aliás isso que se passa aqui, certamente.
11. Talvez. Não sei.

*Resposta nº 17*

1. **Maria Inês Neves Sousa Nogueira**
2. 24 anos
3. Estudante
4. Gondomar
5. Porque é a forma mais directa e rápida de saber de grande parte dos meus amigos e porque me actualiza em termos de companhias de teatro e respectivos trabalhos.
6. Sim
7. Diariamente ou de dois em dois dias. Umas vezes fico mais de 1h, noutras menos de 10min.
8. De grande relevância.
9. Enquanto ponto de partida, sim.
10. Discordo. Parece-me ser unicamente de divulgação.

11. Não.

*Resposta nº 18*

1. **Inês Subtil**
2. 33
3. assistente audiologia
4. Viana do Castelo
5. Manter contacto com uns italianos que conheci em Londres e que estavam no facebook do amigo que nos apresentou
6. Twitter, myspace, youtube, last fm, wordpress  
(nenhuma delas é rede social, ou é? o twitter talvez)
7. seg a sexta, 8 horas
8. Relativa, acredito que o desgaste do facebook está para breve. Neste momento até tem alguma importância, mas em breve outra coisa vem substituir
9. Sim, mais outro espaço de partilha, mas não fundamental.
10. Não, acredito que pode ser um lugar de partilha, mas não de criação.
11. Não, acho que a cidadania se manifesta de outra forma.

*Resposta nº 19*

1. **Hugo Rei Amorim**
2. 35
3. Gerente na área da Saúde
4. Vila do Conde
5. O contacto com amigos de longa data, sentir-me actual e actualizado e divulgar os meus projectos artísticos.
6. Sim. Myspace, etc.
7. Entre 20 e 60 minutos.
8. Vital. Dada a variedade de ofertas e aos quotidianos preenchidos, só por aqui tenho contacto com a maioria dos eventos e iniciativas que acontecem e me interessam, ou não.
9. Sim.

10. Talvez, mas reconheço-o como vital na divulgação e na criação de pontes ou elos entre artistas ou obras.
11. Sim, mas como complemento ou extensão da física. Porquê? Permite uma maior troca de impressões e uma presença virtual constante de uns na vida dos outros mas não substitui, de todo, a relação pessoal, a confiança que o contacto físico permite, mas poderá complementá-la.

*Resposta nº 20*

1. **Isabel Barros**
2. 44 anos
3. Coreógrafa
4. Vila Nova de Gaia
5. Poder estar em contacto com mais pessoas e pertencer a uma rede de comunicação, através da qual partilho o meu universo e conheço outros.
6. Não
7. Diariamente, cerca de uma hora.
8. Acho uma forma muito activa de fazer chegar informação e com a vantagem de estar associada normalmente a pessoas que vamos conhecendo e ficamos curiosos em relação ao que podem produzir artisticamente.
9. Talvez, mas de uma forma lenta, ou seja, para reflectir é necessário o tempo, e neste caso esta rede funciona melhor no registo mais rápido, ou mais imediato.
10. Penso que não.
11. Sim, porque partilhamos ideias, estamos em comunicação, podemos contribuir para enriquecer vidas, tornar momentos mais especiais, mesmo que tudo se passe a um nível virtual, acho que de alguma forma também nos contagiamos, e quando é positivo pode ser uma boa forma de cidadania.

*Resposta nº 21*

1. **Mafalda Martins**
2. 33
3. Relações Públicas/Técnica de Comunicação

4. Porto
5. Divulgar o meu trabalho, ajudar a divulgar projectos em que participo ou considero interessantes (assim como por uma certa curiosidade e acompanhamento das novas tendências).
6. Tenho um blogue no wordpress.
7. Em média uma a duas vezes por dia.
8. Acho muito importante, implementei-a inclusivamente no meu local de trabalho, leva mais directamente ao público a mensagem que se pretende divulgar.
9. Sim, absolutamente, e com a vantagem de "pessoalizar" essa partilha.
10. Sim, porque permite a descoberta de possíveis parceiros e promotores nesses projectos de criação cultural de entre contactos directos, com amigos e conhecidos, o que pode facilitar o processo.
11. Sim, sempre que estejam em causa acções ou manifestações que por este meio consigam maior difusão e sensibilização para a causa a promover.

*Resposta nº 22*

1. **Isabel Costa**
2. 22 anos
3. Bailarina
4. Vila do Conde
5. Questões sociais e profissionais. É um bom local onde se pode comunicar com várias pessoas, e onde se pode partilhar o trabalho feito por vários artistas.
6. Não
7. Sempre que acedo a internet, visito a minha página de facebook. Dispenso no máximo 10 min.
8. Penso que é um espaço de muita partilha. Aqui tenho conhecimento de alguns projectos que não chegariam a mim de outra forma.
9. Sim.
10. Não.

11. Não propriamente. Na minha opinião este é um espaço de mera partilha. Não penso que se possa considerar uma forma de cidadania!

*Resposta nº 23*

1. **Carlos Fragateiro**
2. 58 anos
3. Professor Universitário
4. Lisboa
5. Comunicar com amigos, trocar e contaminar ideias, divulgar reflexões e opiniões sobre as questões que atravessam a nossa actualidade, contactar com novas pessoas.
6. Não.
7. Diariamente cerca de 1 hora e meia.
8. Uma grande importância. Com rapidez permite divulgar projectos e iniciativas e perceber e organizar as pessoas por interesses.
9. A reflexão e a partilha são efectivamente as maiores potencialidades desta rede como facilmente se pode constatar. E é esta ideia e sentido de partilha que ajuda a cruzar ideias, a contaminá-las, a criar em conjunto novas ideias, em suma a inventar.
10. Se entendermos a criação cultural como criação ou produção de conhecimento sim. Ao nível da criação artística só na medida em que pode permitir confrontar processos de criação com as pessoas da rede e, no momento, ter sugestões e outras propostas para poder desenvolver o trabalho de criação.
11. Naturalmente que pode e deve ser uma forma de cidadania pois permite-nos participar, ser actores e intervir nos debates duma forma activa.

*Resposta nº 24*

1. **Nelson Cabral**
2. 36
3. Actor
- 4.

5. Net working, amigos, partilha.
6. Não
7. Todos os dias. meia hora.
8. importância elevada.
9. Sim.
10. Talvez. a partilha constante e online é um propiciador.
11. Então se a tasca da casa de povo da minha terra é, porque é que o fb não pode ser considerado como tal.

*Resposta nº 25*

1. **Rosária** (Grupo Es Amnistia Internacional)
2. 22 anos
3. técnica de Acção Social
4. Silves
5. Para divulgação do Grupo de Estudantes de Albufeira da Amnistia Internacional, da qual sou coordenadora.
6. No hi5
7. Duas a três vezes por semana, por 20 minutos.
8. Muito importante, pois as pessoas vêem as nossas actividades e divulgam.
9. Sim sem dúvida, claro que não podemos substituir o convívio com a sociedade em geral, mas é muito importante para divulgar as nossas ideias.
10. Sim, como já referi é essencial para a divulgação de todo o tipo de cultura ou filosofia de vida.
11. Depende, da forma como encaramos a cidadania e depende da razão de cada pessoa para fazer parte desta rede social. Para mim é importante pois divulgamos os direitos humanos.

*Resposta nº 26*

1. **António Manuel Pacheco Alão**
2. 31 Anos



3. Designer de Luz - teatro e arquitectural
4. Porto
5. Reencontro de antigos amigos, pesquisa de trabalho e possíveis colaborações com outros criadores, e divulgação do meu trabalho, e da divulgação de outros eventos que em enviam. Em suma tudo compilado numa só visita.
6. Sim mas hei-de sair porque não funcionam como esta (facebook)
7. Quase todos os dias, 5 dias em sete durante 30 minutos no minimo.
8. 10 pontos, há uns meses perguntava me uma programadora de um teatro onde trabalhei se achava bem que criasse uma página para o teatro no facebook, disse-lhe que já devia ter criado uma há muito tempo, gulbenkian e ccb e serralves têm, porque não o teatro? é uns dos melhores meios de comunicação da actualidade, um genero de cartão de visita digital.
9. sim sem duvida.
10. não acho que as culturas e fusões devem ser feitas com partilha humana, depois sim criar divulgação. a relação humana não deve cair em detrimento de um movimento digital nunca. sei que não respondi bem à pergunta mas deduzo que me entende.
11. Sim, não perço porque é que a policia ainda não tem um facebook e assim poderia partilhar uma serie de coisas criar por exemplo de uma diário de conselhos.

*Resposta nº 27*

1. **Joana (Erva Valores Artísticos)**
2. 31
3. gestora cultural
- 4.
5. divulgação de espectáculos
6. não
7. média: 1xdia /10 min.

8. Muita
9. Sim
10. Sim, redes e projectos colaborativos
11. Não mais do que outra qualquer plataforma. Talvez um pouco menos. A cidadania é activa e exerce-se por vontade individual. Exº: aderir a causas no facebook vs colocar a cruz no irs a favor de entidades de cariz social.

*Resposta nº 28*

1. **Rui Spranger**
2. 38
3. actor/encenador
4. Porto
5. Já não me lembro, mas de certeza que foi o convite de algum amigo.
6. no Hi5 também, mas já quase não uso.
7. Diariamente e por norma durante alguns minutos.
8. É muito importante. Tem-se acesso a quase tudo o que as pessoas (dentro do circulo) vão fazendo.
9. Sim, sem dúvida.
10. Isso já não sei. Permite receber e fazer convites para eventos sociais e culturais, agora para criação cultural já não sei.
11. Não vejo em que é que pode ser uma forma de cidadania. O inscrever-se em grupos humanitários ou em causas não quer dizer que se tenha uma acção prática nestas. A cidadânia necessita muito mais do que a discussão ou o dizer que sou ou não a favor disto ou daquilo.

*Resposta nº 29*

1. **Susana Oliveira**
2. 31 anos
3. Actriz / Professora
4. Porto
5. Jogar FarmVille...:|

6. Sim
7. Actualmente, todos os dias, durante aproximadamente 1 hora, ou o que for possível.
8. Para os que visitam o facebook com regularidade, penso ser uma ferramenta essencial, uma vez que permite ter acesso tanto à divulgação dos eventos, como a comentários ou pequenos artigos colocados pelos promotores ou pelo próprio público.
9. Como um espaço público de reflexão a vários níveis, sim. Fundamental, talvez... se não houvesse uma procura crescente deste tipo de redes, elas não proliferariam desta maneira, mas não penso que em termos de partilha, de tertúlia, de reflexão, estas redes se sobreponham às presenciais, digo, a velha mesa de café com um fino à frente. Mas é um facto que trabalhamos cada vez mais em frente ao computador e cada vez mais usamos também os escapes que ele nos proporciona.
10. Bom, a minha utilização deste espaço é recente e bastante dirigida ao vício do farmville, para além de não acreditar muito em métodos de devising... respondi?
11. Em certa medida, sim. Adesão a movimentos, a petições, protecção das crianças com cancro, dos animais... mas é preciso não confundir o que significa alertar para uma questão com o alívio de consciência que clicar num botão nos proporciona.

*Resposta nº 30*

1. **Inês Meneses**
2. 37
3. Radialista
4. Lisboa
5. Curiosidade
6. Não
7. diariamente, várias vezes ao dia. 2 horas talvez no todo
8. importância máxima. Divulgo aqui o meu 'trabalho'

9. sem dúvida.
10. de criação não sei. Essencialmente de partilha. E a partilha leva à descoberta.
11. de cidadania talvez não. Como disse na resposta anterior, essencialmente de partilha, de descoberta. A triagem terá de ser outra. No meu caso aceito toda a gente (excepção para nomes ofensivos)

*Resposta nº 31*

1. **Paulo Filipe Lanhoso Pinto Lorangeira**
2. 34
3. Estudante
4. vila do conde
5. criação de rede de contactos
6. sim, youtube
7. praticamente diariamente, 15min ±
8. dentro da minha rede de contactos é possível manter-me actualizado sobre os acontecimentos
9. até um certo ponto, mas bastante superficial
10. depende da imaginação, mas acredito
11. penso que se vulgarizam muitas causas nobres

*Resposta nº 32*

- 1- **Alexandre Pinto Cunha de Sá**
- 2- 25
- 3- Actor
- 4- Póvoa de Varzim
- 5- por motivos profissionais. Para estar mais ligado á rede social da minha área. Para perceber o que se faz, e também para mostrar o que eu faço.
- 6- Não.
- 7- De dois em dois dias. Fico cerca de 10 minutos, ás vezes mais se houver algo que me chame a atenção.

- 8- Acho importante na mediada em que se pode ver o que faz e podemos também dar a nossa opinião, e saber a opinião dos outros. Não é possível porém, na minha opinião, criar-se uma discussão e retirar dessa discussão uma conclusão. No entanto, o facebook é uma rede social o que faz com que os comentários sejam eles também de cariz "social".
- 9- Não. pelas razões acima citadas.
- 10- Não.
- 11- Sim, penso que sim. A distância (emocional se quisermos) a que as pessoas se colocam umas das outras neste momento, é, em parte, suprida por redes sociais como o facebook. O facebook será, talvez, em minha opinião, uma nova forma de cidadania.

*Resposta nº 33*

1. **Joclécio Azevedo**
2. 40
3. Coreógrafo
4. Porto
5. Ampliar a minha rede de contactos profissionais, entrar em contacto com amigos dentro e fora de Portugal, conhecer novas pessoas.
6. Youtube.
7. 1 ou duas vezes por dia, alguns minutos.
8. Não muita mas ajuda a manter-me a par do que se passa, especialmente de coisas alternativas ou que não têm acesso aos meios de comunicação tradicionais.
9. Considero que faz parte do espaço público, não o substitui.
10. Sim, especialmente porque aqui somos só imagem, som e palavra.
11. Não necessariamente, mas como disse anteriormente pode vir a fazer parte do nosso conceito de cidadania.

*Resposta nº 34*

1. **Sofia** (Célula & Membrana – Associação)

2. 32 anos - 2 anos de existência
3. Socióloga - Associação sem fins-lucrativos
4. Leiria
5. O Facebook ou qualquer outra rede social é uma ajuda preciosa na divulgação imediata da programação da associação.
6. No Myspace como colectivo a9))))/ Célula & Membrana.
7. Em média duas 2 vezes por dia e durante 10 min. aproximadamente.
8. É um meio de divulgação imediato, eficiente.
9. Não acho que seja fundamental mas sim um complemento útil.
10. O conceito de rede social é importante na partilha e divulgação de ideias, de factos e de situações. Que de certa forma, contribuem para que a criação cultural surja e se propague rapidamente.
11. Não, porque não é um dever nem uma obrigação estar inscrito numa rede social para viver em sociedade. Agora acredito que pode sensibilizar os indivíduos para causas de teor social e cultural.

*Resposta nº 35*

1. **Ana Cristina Silvério**
2. 16 anos
3. Estudante
4. Golegã
5. O Facebook é um meio de comunicação com pessoas estrangeiras, que conheci num intercâmbio escolar... É a partir do Facebook que mantenho o contacto com estas.
6. Sim, no Messenger.
7. Todos os dias, por norma. O tempo é muito variável.
8. É, antes de mais, um meio eficaz na difusão de eventos culturais.
9. Considero que sim.
10. Não sei.

11. Sim, porque é um meio que facilita a comunicação e a difusão cultural.

*Resposta nº 36*

1. **Andreia Vasconcelos**
2. 31
3. Actriz
4. Vila Real
5. Comunicar com artistas e colegas de curso espalhados pelo mundo
6. Não
7. Todos os dias. 30 a 40 mn por dia
8. É um local onde rapidamente sabemos de tudo
9. sim. Porque não.É só querermos
10. talvés. é expandirem a imaginação e criação pelas pessoas certas e lá chegaremos
11. claro que sim. quanto maior o grupo, maior a partilha e maior a influencia nas pessoas. Esta influencia deve ser utilizada somente na positiva.

*Resposta nº 37*

1. **Vera Campos**
2. 29
3. Team Manager
4. Woking
5. Estar em contacto com as pessoas que não posso estar diariamente e estar a par das novidades
6. Sim
7. Diariamente, depende dos conteúdos
8. Bastante importante
9. Sim.

10. Sim. A forma como divulgamos é por si só uma forma de criação cultural. Para além disso é um meio direccionado - perfeito!
11. Sim. Com a contribuição de todos podemos divulgar ideias e criar debates que sejam do interesse dos intervenientes.

*Resposta nº 38*

1. **Sara Soares**
2. 21 Anos;
3. Estudante de Design de Figurino na ESMAE;
4. Rio Tinto;
5. Convite de vários amigos e o facto de toda a gente falar do facebook, fez me ter curiosidade e experimentei. Desde entao q perco horas aqui!
6. No hi5, Myspace.
7. Quase todos os dias, a noite qd estou em casa. "2, 3 horas +/-
8. Bom.
9. Sim.
10. Criação Cultural, não sei. Mas uma coisa é certa existe muita divulgação de varios eventos e ate convites...
11. Nao Sei.

*Resposta nº 39*

1. **Ana Pereira**
2. 35
3. Fotógrafa
4. Vila do Conde
5. perceber como funcionava
6. sim
7. diariamente, a duração depende do dia
8. numa escala de 0 a 100, 70
9. partilha social e cultural sim, partilha do supérfluo essencialmente, não existe ainda como espaço de reflexão



10. de criação acho que não, de partilha sim.
11. não existindo a meu ver ainda como espaço de reflexão, aliás, não existindo ainda uma reflexão social profunda sobre o assunto, não me parece ser uma forma de cidadania.

*Resposta nº 40*

1. **Andrea Gabilondo**
2. 45 anos (segredo se faz favore...lol)
3. Coreografa, bailarina e performer
4. Vila Nova de Gaia, mas nascida no Mexico
5. Contacto com outros artistas e amigos.
6. MySpace, mas vou pouco frequentemente
7. Todos os dias, um promedio de uma hora por dia.
8. Muito importante, mantenho em dia a informação de outros grupos e eventos artísticos
9. Considera que esta rede (ou outras) poderá funcionar como um espaço público, fundamental, de reflexão e partilha social e cultural? Absolutamente SIM
10. Sim, com a troca de ideias entre diferentes artistas
11. Sim, porque é uma nova forma de estabelecer relações sociais e novamente, trocar ideias e sugestões .

*Resposta nº 41*

1. **Jorge couto**
2. 34
3. Arquitecto de Interiores
4. Amadora
5. Estabelecer rede de contactos dentro das minhas áreas de interesse, divulgação de eventos e manter ou recuperar contacto com amigos.
6. Sim, comecei com o hi5 mas desde que comecei com o facebook quase não o "visito".
7. Diariamente durante cerca de uma hora em média.

8. É um meio fácil e rápido de fazer chegar ao público uma divulgação dirigida e actualizada.
9. Claro que sim. Ainda mais porque através dela temos acesso a toda uma série de movimentos sociais, culturais, etc. Chegamos a outras pessoas e formas de expressão com base na net, como blogs, fóruns, sites, ou fora da net com encontros artísticos, culturais, desportivos, seja o que for. Sempre de uma forma rápida e actualizada.
10. Sim. A imaginação é o limite...
11. Mais uma vez sim. A divulgação de cultura e discussão de ideias online acaba por ser uma forma de cidadania por poder criar movimentos artísticos ou sociais a nível global mas também local.

*Resposta nº 42*

1. **Nuno Catarino**
2. 32 anos
3. Cantor e actor
4. Lisboa
5. Reencontrar velhos amigos e estabelecer novos contactos pessoais e/ou profissionais
6. Diariamente, no mínimo uma hora.
7. Sim.
8. Diariamente.
9. Bastante importante.
10. Sim. Através do contacto c pessoas c interesses comuns, q poderão conduzir a eventuais parcerias
11. Sim. Como forma de divulgação e mobilização das pessoas.

*Resposta nº 43*

1. **Paula Marques**
2. 36 anos
3. Acrtiz/Ass Produção/ assessora autárquica

4. Lisboa
5. Rede de comunicação mais alargada/encontrar links perdidos ao longo dos anos
6. Sim
7. 2 em 2 dias +/- por 1 hora
8. importancia alta. a circulação de info é uma das razões que me faz estar e utilizar este tipo de mecanismos
9. sim, sem duvida.
10. sim. Além da partilha de experiência/divulgação de ideias, acho ate possível fazer-se brainstorming nesta rede de comunicação. Tenho sabido de novos projectos culturais, sociais, e ate participado com comentarios aos trabalhos exibidos, nesta rede, muito mais do que alguma vez o fiz. è muito abrangente. rapidamente ha contacto com todo o mundo.
11. è uma nova forma de activismo, de participação. na substitui o contacto ou a uta mano a mano mas ajuda muito a divulgar e consolidar causas.

*Resposta nº 44*

1. **Paulo Praça**
2. 38 anos
3. músico/compositor/produtor
4. vila do conde
5. alargar a minha rede e encontrar amigos e colegas desta e doutras profissões
6. sim
7. todos os dias.depnde do mood
8. é muito importante, pois é uma forma directa e rápida de divulgar
9. sim, mas aí sou mais romântico e prefiro as tertúlias
10. sim, pois facilmente podemos perceber a identificação que temos com diferentes artistas em diferentes áreas e a esse nível isto é uma porta aberta e gigante
11. sem dúvida, pois podes sensibilizar toda a tua rede para causas , realidades ,etc. que aches importante defender

*Resposta nº 45*

1. **Valter Hugo Mãe**
2. 38
3. Escritor
4. vila do conde
5. uma amiga convenceu-me.
6. sim.
7. quase todos os dias. por 15 minutos, às vezes 30.
8. tem momentos. já me serviu para assuntos muito importantes e até profissionais, como também já foi apenas um modo de distração ou mesmo pura perda de tempo.
9. penso que funciona como os seus utilizadores quiserem que funcione. como as mesas de café. podem resultar apenas num entretenimento como podem ultrapassar largamente esse aspecto e tornar-se em espaços de aprendizagem e partilha enriquecedores.
10. não é um novo espaço de criação, é um espaço de divulgação sobretudo e tem sido cada vez mais invadido pela gente que tem algo para promover, que já não se preocupa na fomentação de um diálogo mas tão só na veiculação de produtos. isso frustra-me.
11. sim, claro. são pessoas, com mais ou menos máscaras, esta é uma grande praça do mundo. muita coisa se diz e resolve por aqui, é uma evidência que se exerce uma cidadania opinando, protestando, criando grupos específicos para debate e realce de determinadas questões. enfim, é uma sociedade em suporte virtual, mas é uma sociedade que, em última análise, é também a nossa sociedade.

*Resposta nº 46*

1. **Rita Rocha**
2. 31
3. Fotógrafa
4. Povia de Varzim

5. Resido no Reino Unido e o contacto pessoal não é tão frequente, sendo que o facebook facilita as coisas.
6. Estive no hi5 mas cancelei a conta.
7. Diariamente. Depende da disponibilidade. Mínimo 30 minutos. Por vezes mais que uma vez por dia.
8. Cada vez mais importante. Tomo conhecimento de muitos eventos através do Facebook.
9. Se assim for conduzido, definitivamente. As coisas tem a dimensão e importância que lhes damos. São o que fazemos delas.
10. Criação não sei até que ponto, talvez no intercâmbio entre artistas...
11. Penso que é possível sim. Eu subscrevo grupos onde se fala de direitos dos animais e ecologia por exemplo e onde já deixei informações que penso terem sido muito úteis ao publico que as leu, bem como recebi outros tantos conhecimentos.

*Resposta nº 47*

1. **Filipe Crawford**
2. 52 anos
3. actor/encenador
4. Lisboa
5. foi-me sugerido pela minha produtora como um bom meio de comunicação e promoção para as minhas actividades
6. pessoalmente não, como empresa de teatro também estamos no My Space
7. dia sim dia não, durante uns 30m
8. acho interessante embora não dispense outros meios de divulgação
9. acho que cada vez mais este tipo de redes assumem importância como espaços públicos de reflexão e partilha de ideias
10. Como espaço de criação não sei, vejo-o mais como um espaço de divulgação e partilha
11. Sem dúvida...é um forum onde o debate sobre questões importantes para todos pode ser possível

*Resposta nº 48*

1. **Eugénio Viriato Morais**
2. 35
3. Actor
4. Porto
5. Contacto com amigos distantes...depois vieram os Portugueses.
6. Sim
7. Diariamente. Depende. 15 minutos mínimo.
8. Cada vez maior.
9. Acredito que já funciona.
10. Sim. Pelo menos um espaço de reflexão.
11. Sim. É o ultimo reduto da livre expressão.

*Resposta nº 49*

1. **Sónia Alves** (Cooperativa Árvore).
2. 36.
3. Assessora Departamento de Acções Culturais e Edições da Árvore-Cooperativa de Actividades Artísticas, CRL.
4. Porto
5. A divulgação dos eventos da Árvore, contactos profissionais.
6. Não.
7. De 2ª a 6ª, o tempo necessário para actualizar a informação (ver pedidos de amizade, convites para eventos, actualizar informação da Árvore); à volta de 1h00 por dia.
8. Considero importante e eficaz na divulgação e partilha de eventos.
9. Talvez.
10. Não sei se chegará a tanto!
11. Não uma forma de cidadania mas sim uma partilha de informação dos mais variados temas.

*Resposta nº 50*

1. **Mariana Manuel de Sousa Machado da Costa Macedo**
2. 27
3. Técnica de Turismo/ Licenciatura em Psicologia
4. Porto
5. Convite de amigos e ter gostado mais da apresentação do site e tipo de funcionamento desta rede.
6. Não. Mas estive primeiramente no hi5, no entanto dps de ter aderido ao FB, encerrei a outra conta.
7. Neste momento, visito o FB 1 vez por dia e 5 vezes por semana, mas depende das alturas. Entre meia hora a 2h em média.
8. Razoável.
9. Sim.
10. Sim. No sentido em que a partilha de conhecimentos e interesses pelo FB proporciona e permite uma maior e mais rápida efusão de novas ideias, criatividade e iniciativa colectiva. Esta rede social estou certa de que incentiva a uma maior criação e partilha cultural.
11. Sim. Creio que a participação numa rede social deste tipo facilita o desenvolvimento de interações sociais diversificadas. Acresce também que estas redes sociais possibilitam convergências e movimentações de interesses de forma rápida eficaz.

*Resposta nº 51*

1. **Maria Manuela da Costa Magalhaes**
2. 41
3. Formadora
4. Vila do Conde
5. Convite de amigos
6. Não
7. 1 vez por dia e 3 vezes por semana
8. Razoável
9. Talvez

10. Sim

11. Sim

*Resposta nº 52*

1. **Mariana Rodrigues da Silva Reis**

2. 18 anos

3. Estudante

4. Porto

5. Convites de diversos amigos.

6. Sim.

7. Normalmente uma vez por dia, durante cerca de hora.

8. Revela já uma certa importância, na medida em que é um meio de informação que pode chegar a um número significativo de pessoas e que permite a constante actualização das datas de eventos culturais, reavivando a memória a quem deseja assistir aos mesmos.

9. Poderia funcionar nesse sentido e seria algo bastante pertinente e interessante.

10. Sim. A ligação da cultura com este conceito de rede social é cada vez maior e a criação nessa área tem tido já algum desenvolvimento a nível virtual. Esse desenvolvimento poderá chegar a este espaço como meio oficial de apresentação de trabalhos e projectos, por exemplo.

11. Sim, pode ser a partir do momento em que os seus utilizadores queiram que assim seja. Pode ser uma forma de contacto entre várias pessoas, diferentes pontos de vista, opiniões, informações, troca de ideias e partilha de trabalhos, com vista ao aumento da actividade socio-cultural.

## **Anexo D**

### **Questionários não incluídos na análise estatística**



1. **Tito Livio Rodrigues dos Santos Mota** (Casa Amadis)
2. 50
3. professor de língua e cultura portuguesas
4. Montpellier
5. Difusão das actividades duma associação
6. grupo yahoo
7. todos os dias. mais de 3h
8. rapidez e facilidade em obter informação e esclarecimentos sobre a mesma e seus intervenientes
9. sim
10. talvez
11. sim porque pode alertar para eventos e casos de que não temos notícia pelos media.

1. **Miguel Cabral**

2. 35 anos
3. Actor
4. Porto
5. Amigos, contactos, partilha, formato interessante na divulgação do trabalho artístico.
6. Hi5
7. Aproximadamente, dia sim, dia não. Entre 10-15 minutos.
8. Uma importância relativa. No entanto, começa a ganhar destaque como uma forma eficaz na divulgação da produção cultural, criando pontes e fomentando o intercâmbio cultural. Como público/consumidor, sou mais seduzido por uma imagem gráfica interessante nas ruas e pela informação vinculada por alguma imprensa escrita.
9. Sem dúvida, mas sempre no sentido de aproximar as pessoas. Respeitando determinados códigos éticos estabelecidos.
10. Sim, já funciona como tal. Vários criadores expõem o seu trabalho no Facebook. É uma opção artística e funciona como uma ferramenta disponível.

O artista inserido na *aldeia global virtual* tem o seu espaço/negócio e vende-se como se quer vender. A criação de plataformas virtuais individuais ou colectivas, onde existe uma partilha do trabalho artístico, criando pontes para outros projectos, pessoas, torna-se importante para criar sinergias e cumplicidades artísticas. Blogs, fotoblogs, páginas web, sites, etc. As fronteiras diluem-se. Por exemplo, um videasta português tem a possibilidade de construir virtualmente um objecto artístico com uma actriz no Japão. E terá fortes probabilidades de ter o seu público virtual garantido.

11. Sim, sem cair na tendência para a compulsão virtual e defendendo o direito à privacidade. Por vezes, as redes sociais podem desumanizar as relações interpessoais, criando realidades paralelas de ilusão e isolamento.

1. **Jorge Loureiro Figueira**
2. 36 (30/06/1973)
3. Docente Ensino Superior, Dramaturgo
- 4.
5. Manter o contacto com amigos e colegas distantes
6. Sim
7. 3 vezes / Dia, 1/2 hora cada vez
8. Média
9. Fundamental não
- 10.
11. Defendem-se argumentos

1. **Maria João da Cunha Vilas Boas Vale de Guedes**
2. 21
3. Estudante
- 4.

5. Por curiosidade, por insistência dos meus amigos e porque me pareceu alcançar outro tipo de interesses que não o das redes sociais mais vulgares.
6. Sim, mas tenciono cancelar essa conta, porque já não se encontra actualizada.
7. Eu diria que, pelo menos, uma ou duas vezes por semana, uma vez que se trata de uma rede de interacção social.
8. Penso que constitui uma mais valia, abrange todo o tipo de pessoas, logo é uma oportunidade para dar a conhecer todo o tipo de projectos.
9. É difícil particularizar a função e os interesses de todas as pessoas inscritas face a esta rede. No entanto julgo que esse deveria ser o objectivo principal da criação deste tipo de redes sociais.
10. Concordo com o conceito, porque acho que é demasiado vasto. Mas ainda não o vejo especificamente como um espaço de criação cultural. Apenas acho que pode ser um bom meio para...
11. Talvez sim. Pelo menos é um incentivo ao contacto e à "discussão", seja do que for.

1. **Galeria Dama Aflita**

2. 1 ano de vida
3. Ilustração e desenho
4. Porto
5. questões profissionais e de divulgação.
6. sim, myspace
7. todos os dias em que a galeria está aberta, 5 horas diárias.
8. mais uma forma de divulgar as actividades que desenvolvemos, contribuindo para o aumento de visitantes reais.
9. pode, mas sempre de uma forma limitada. Com as limitações de uma rede "social" virtual.
10. concordo, embora os exemplos de criação sejam ainda bastante fracos e sem repercussões.

11. Não, o facebook e os amigos facebookianos são tudo menos cidadãos, somos entidades virtuais e como tal verdadeiros ou falsos.

1. **Filipa Alexandre**

2. 33 anos de idade
3. Marionetista
4. Vila do Conde
5. Divulgação do projecto artístico que desenvolvo
6. sim, possuo um blog [www.marionetasanorte.blogspot.com](http://www.marionetasanorte.blogspot.com)
7. 2 vezes por dia 15 minutos cada visita aprox.
8. Cumpre a função a que se presta, alguma.
9. Sim numa sociedade oprimida como a nossa.
10. Sim, ...poderá ser, mas não sei de que forma.
11. Claro, é estar activo para a discussão e o debate, esse é em meu ver o maior acto de cidadania da nossa parte

1. **Cristiana Morais**

2. 30 anos
3. Desempregada
4. V. N. de Famalicão
5. Curiosidade
6. Sim, no Hi5
7. Diariamente. Não tenho noção do tempo mas será perto de 1 hora.
8. Penso que é muito útil, rápido e eficaz na divulgação de eventos.
9. Fundamental, penso que não, mas é, sem dúvida, um espaço importante de partilha. A reflexão dependerá da sensibilidade de cada um.
10. Acho que toda a criação artística pressupõe um contacto pessoal e directo.

11. Todas as formas de cidadania caracterizam-se pela capacidade de mobilizar as pessoas, e as redes sociais, com a facilidade que têm em divulgar e partilhar situações, tornam-se mais um mecanismo de exercer uma cidadania activa.

1. **Fundação Centro Cultural de Belém / Sofia Mântua**

2. 16/ 46 anos

3. O Centro Cultural de Belém é gerido por uma Fundação de direito privado e utilidade pública, que tem por fins a promoção da cultura, desenvolvendo a criação e a difusão em todas as suas modalidades, do teatro à dança, da música clássica ao jazz, da ópera ao cinema. Como actividade complementar, o CCB oferece-se também como um centro para a realização de conferências e reuniões profissionais. (Retirei este texto do site.)

- Coordenadora do Departamento de Comunicação e Relações Públicas do CCB

4. Lisboa/ Belém / Lisboa

5. Dar a conhecer e conhecer a actividade cultural do país e fora dele, poder comunicar de forma mais directa com os interessados, comunicar informalmente com esta enorme comunidade, o publico deixar de ser anónimo para passar a ter “face”, simplicidade, rapidez e eficiência de comunicação, não tem custos, conseguimos segmentar os públicos que pretendemos, aumentamos a nossa rede de contactos, as diferentes pessoas partilham informação entre si, os amigos organizam-se mais facilmente para tomada de decisões e encontros culturais ou outros , comunicamos com uma faixa etária (entre os 16 e os 30) mais difícil de se chegar, conseguimos aferir com mais rigor o interesse com que nos frequentam ou pelo menos o interesse demonstrado pelos espectáculos ou outras iniciativas... enfim são imensas as razões, não as esgote aqui.

- Como Sofia Mântua pelas mesmas razões , mas não tantas. É mais para estar em contacto directo com os meus amigos e saber de outros há muito esquecidos/perdidos.

6. Como CCB vamos estar muito brevemente no Twitter. Como S. Mântua só esta.

7. CCB – todos os dias. Depende mas uma média uma hora por dia

S M – todos os dia mais ou menos 15”

8. Comunicar com o maior público possível/ chegar ao máximo de pessoas possível e apresentar a diversidade da programação do CCB

- Receber propostas que me “tinham passado ao lado” e saber que amigos encontro lá

9. Considero que é importante também estar aqui, como partilha, como refere.

Mas não como espaço de Fundamental de reflexão. É uma rede social, descomprometida e muito informal, e onde podem claramente surgir ideias, conceitos, reacções mas com um carácter mais descomprometido. Mas... quem sabe se não estou completamente enganada. Não me espantaria ver aqui discussões vivas e interessantes sobre qualquer assunto. Aliás , as redes sociais tendem a ter uma vida muito breve, pois outras novas irão surgir com novas características e mais apetecíveis, aposto que daqui a um ano ou dois já estaremos a comunicar através de uma outra rede ainda mais em tempo real (câmaras de filmar em que já não teclamos e dizemos, conversamos uns com os outros como se estivéssemos no sofá)...

- Como Sofia M acho a mesma coisa.

10. Talvez. Através de encontros inesperados e de partilha de ideias. Sei que já aconteceu. Uma rapariga publicava todas as semanas um texto e alguém gostou e interessou-se e vai sair agora um livro com estas crónicas. Mas também de projectos culturais (músicos encontrarem-se aqui e trocarem ideias e projectos, assim como outros artistas, arquitectos, ou qualquer pessoa interessada em partilhar e “fazer”). Acho que sim mesmo.

- A mesma coisa que em cima

11. Sim. A cidadania exerce-se também com comportamentos e adesões de grupo. É uma rede. Podemos ter opiniões, tomar decisões e participarmos como grupo mais activamente no espaço público. Há poucos anos eram marcados comício por sms. Fui a alguns informada e motivada desta forma.

- Como SM também

1. **Nuno Meireles**

2. 34

3. Professor/Actor

4. Porto/Braga

5. Uma amiga convidou-me, outro também e vim. Depois despedi o amigo e continuo a falar com a amiga.

6. Só nesta, fora um ou outro blog.

7. Visito quando posso ou quando há alguma coisa de urgente a responder, talvez de três em três dias ou mais; fico tempos irregulares desde 10 min a meia hora.

8. Como é mais pessoal é como se recebesse um convite em casa - muito diferente de o receber no email. Dou muita mais importância ao que se anuncia aqui, porque tem uma cara detrás.

9. Considero que pode funcionar como qualquer outro espaço, virtual ou não, de encontro. Com a mais-valia simbólica de ter caras e nomes, e adjectivo de Friends por trás. O que torna a coisa muito mais afectiva.

10. Criação de cultura... talvez. Mas entre isto e haver um café onde nos encontremos com regularidade sem que o combinemos (lembrar Cheers: "a place were everyone knows your name...") não me parece haver mais diferenças que os tempos terem mudado as formas. Mas é a mesma coisa.

11. Ora bem, é uma forma de se estar com os outros ou em contacto com os outros, apelamos, respondemos, sugerimos coisas, comentamos - mas é tão cidadania quanto um post no meu blog ou uma conversa ao telefone. É escrevermos palavras ou postarmos fotos ou vídeos - sobre que são e que consequências trazem - isso sim é que mexe com a nossa cidadania.

1. **Paula Cristina Silva**

2. 40

3. Educadora de Infância

4. Portalegre

5. curiosidade; convite de amigos
6. myspace, hi5
7. diariamente, no mínimo 1 hora
8. muito importante
9. sim
10. sim. Conhecer outras ideias, conceitos, formas de estar, troca de opiniões...
11. sim. Mobilização, divulgação de causas, interesses...